



Raphael Sanz

A Gambiarra da Destruição

**crônicavírus in
New Brazil**

Monstro dos Mares
Ponta Grossa – PR
Maio de 2021

Aviso de Copyleft: Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

“Cronicavírus in Brazil: A Gambiarra da Destruição”, Raphael Sanz.

Capa: Victor Sanz

Prefácio: Gabriel Brito

Diagramação: Baderna James

Montagem: abobrinha

Monstro dos Mares

Divulgação Acadêmica Anárquica

Caixa Postal 1560

Nova Rússia

Ponta Grossa – PR

84071-981

monstrosdosmares.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S238c Sanz, Raphael.
Cronicavírus in Brazil: a gambiarra da destruição / Raphael Sanz.
– Ponta Grossa, PR: Monstro dos Mares, 2021.
96 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-65-86008-11-1

1. Literatura brasileira – Crônicas. I. Título.

CDD B869.3

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editado e impresso utilizando energia solar.

*Já temos novos deuses para adorar
Um novo líder, uma religião
Que nos dê uma vida de merda
Em um mundo pior*

– Evaristo Páramos/Gatillazo; Follate al líder

Qualquer coincidência com a realidade é mera semelhança.

As crônicas 1 a 10 foram publicadas originalmente entre março e julho de 2020 no Correio da Cidadania (www.correiocidadania.com.br) com a proposta de caricaturar os fatos e personagens mais abordados na imprensa e nas redes antissociais durante os primeiros meses de pandemia *in Brazil*. Esses capítulos foram revisados para a edição que você tem em mãos, mantendo-se as ideias e características das publicações originais, escritas no calor dos acontecimentos. Os demais textos (prólogo, epílogo e capítulo 11) são inéditos.

Dedicado a todas e todos que torcem contra.

Pedido de solidariedade

Só é possível fazer e distribuir livros e zines porque algumas pessoas compreendem essa função das editoras anárquicas e anarquistas, e fortalecem na divulgação dos materiais, escolhendo alguns itens em nossa lojinha, chegando junto na banca ou entrando com recursos financeiros na Rede de Apoio quando viável. Seu apoio contribui para a disseminação de conhecimentos dissidentes e não-normativos, fazendo-os chegar a coletivos e singularidades que atuam em nome da liberdade e da autonomia. Contribua a partir de R\$ 5 por mês para que mais projetos como o que você tem em mãos possam existir e chegar para mais pessoas.

monstrosdomares.com.br/rede-de-apoio

Sumário

Prefácio: Rir para não morrer <i>Gabriel Brito</i>	11
Prólogo: Da maldita nau ao maldito liberal	13
Tudo do pior que podemos apresentar	17
Os seres da lata do lixo da história rumo ao Hexa!	23
Com vocês, a Namoradinha de Auschwitz, e outras estórias	29
Tiros, compras e água sanitária	37
Segue o líder!	44
Aqueles que torcem contra	53
New Brazil Papers e o relincho do Palhaço Bozo	59
Dez dias que não abalaram o New Brazil	64
Vítimas imaginárias	73
As pragas do New Brazil e o abuso de água sanitária	81
Cem anos de sociopatia	92

Prefácio: Rir para não morrer

Gabriel Brito

(Jornalista e editor do Correio da Cidadania)

Onze crônicas de humor e sagacidade para rir do pior ano das nossas vidas. Ao percorrer as páginas deste livro o leitor poderá ter a sensação de que toda a indignação e estupefação diante do governo mais absurdo da história do Brasil foram traduzidas de forma até óbvia.

Mas não é fácil escrever com graça sobre aquilo que, de fato, está nos corroendo como corpo social. Menos ainda nos tempos hiperprodutivistas que vivemos, nos quais todo avanço tecnológico parece apenas significar mais trabalho.

Em 1966, ainda no início da ditadura militar que, como podemos ver, nos garantiu mais 100 anos de atraso, o jornalista Sergio Porto, por meio de seu memorável pseudônimo Stanislaw Ponte Preta, entrou para a história literária ao publicar o Febeapá – Festival de Besteiras que Assolam o País.

Sucedido por outros dois volumes, a obra acumulou crônicas sobre o escárnio autoritário que tomou de assalto o Brasil. Entre meros comentários sobre banalidades cotidianas e a ficção, protagonizada por personagens como a tia Zulmira, o autor ilustrou com precisão a mediocridade da classe dirigente nacional.

Não era preciso inventar nada. Sergio Porto apenas absorvia para suas histórias aquilo que saía todo dia no jornal Última Hora, no qual trabalhava e que também entrou para a lista de vítimas fatais do regime de “salvação” então escolhido pelo “Brasil branco de bem” – essa vala da humanidade.

Foi preciso voltar longe no tempo para resgatar uma obra de humor político literário, pois o que chamamos acima de tempos hiperprodutivistas é fiel definição do jornalismo atual: um inodoro processamento de dados e informações raramente aprofundados em suas origens, significados e objetivos.

Afinal, falamos de um oligopólio midiático modelado exatamente por esta ditadura e, depois de 20 anos de censura explícita, vivemos o tempo da autocensura ou da censura prévia nas grandes redações, ambientes de alinhamento praticamente militar aos mandamentos do deus dinheiro.

Assim, engaiolado, é claro que a literatura e a arte desapareceram do texto. E é por isso que o autor desta obra, entre o jornalismo independente e trabalhos autônomos que nada têm a ver com sua formação, possui enormes méritos.

Raphael Sanz conseguiu iluminar não só o horror desta camarilha de impostores, mas também toda sua obtusidade e o caráter não mais do que patético de seus integrantes. Gente que, como dito em uma das crônicas, parece ter saído diretamente da lata de lixo da história para nos assombrar – e assassinar, pois na maior crise de saúde que todos os vivos presenciaram não é possível brincar tanto.

De toda forma, trata-se de uma seleção de textos cujo perfil já foi extinto dos grandes meios de comunicação. Aplicar no mercado financeiro se tornou a função social da triste mídia oligárquica brasileira e, desse modo, os Stanislaw e Raphael já não cabem mais nestes modernos e dinâmicos ambientes de trabalho.

Resta inventarmos nossos territórios livres, como tentamos fazer em nosso pequeno Correio da Cidadania, onde acreditamos ser possível projetar os outros mundos possíveis. Sem dinheiro, apenas a cara e a coragem. O que talvez seja a terra mais fértil para a atualização constante de nosso pensamento crítico e visão acurada da realidade, por mais cansativo que seja.

Não sabemos o que os próximos anos reservam, como será a vida e o país que sobrar de tamanha destruição e farsa empreendida por aqueles que, sempre e novamente, enterraram nossos sonhos e possibilidades em nome de mais uma rodada de lucro em cima de sangue e morte.

Mas sabemos que rir continua necessário. Continua uma grande arma contra os poderosos, os tiranos, os impostores e críticos de araque. Este livro é um refrescante sopro para o espírito de todos aqueles que torcem contra tudo isso que táí, taoquêi?

Prólogo:

Da maldita nau ao maldito liberal

Todos conhecemos a história do Brasil, certo? Nem tanto? Óquei, entendendo. Também não sou um especialista, nem um voraz leitor do assunto, como muito provavelmente você, leitor, também não. Tive uma educação com uma formação crítica fraquíssima, como você também deve ter tido. Mas alguma coisa de história do Brasil todos nós sabemos, pelo menos as principais datas, períodos, personagens, fatos ocorridos e diferentes interesses que moveram nossa irrelevante civilização subalterna ao longo dos tempos até chegarmos aqui. Uns mais, outros menos, *por supuesto*, mas todos sabemos algo.

De toda forma, temos alguma noção mínima da realidade, diferente de *Lokis e Narlokis* da vida que andam ganhando dinheiro e notoriedade para reivindicar absurdos que todos nós sabemos, mesmo não sendo especialistas (reitero), que são completas alucinações. Das raízes da escravidão ao formato da Terra, essa turma reivindica tudo que se mova – seja por coerção ou rotação. Entretanto, como acredito que nenhum desses vá pegar estas crônicas para ler, pularei a parte do Brasil e vamos direto ao New Brazil. E caso algum deles por aqui apareça, o problema não é meu, *talquei?*

Mas por que fazer um prólogo de um livro de crônicas falando dessa turma? Essa é fácil: pois é disso que se trata o New Brazil. O nosso reich tropical é uma mistura de tudo que não dá em nada. Igual a esses sujeitos que não são nada além de *cosplays de bots* de rede social. Não têm uma profissão, não construíram uma vida social, relações humanas, comunitárias, nada. Tanto que quando aparecem nas redes em uma foto ao lado de um filho, por exemplo, ficamos surpreendidos com o fato de que já tenham feito sexo pelo menos uma vez na vida. Impostores que são, dedicam-se a essa tremenda confusão mental coletiva do alto das suas belas e modernas cadeiras de *gamer*.

E com êxito, afinal o velho Brasil nunca foi reconhecido como um poço de razão e sensatez, muito menos de justiça e bom senso, foram descolorindo paisagens e sequestrando imaginários até instalarem, aos poucos, rua por rua, seu próprio reich.

Que país genial esse que vivemos!

Primeiro formaram uma SS pra chamar de sua com a sucata de uma velha e desacreditada ditadura empresarial-militar. A interminável guerra às drogas veio como pretexto. Depois, perceberam que ninguém lhes havia quitado os meios de comunicação e nem os de produção – e pediram a carga máxima de carvão nas máquinas, e com o mínimo de trabalhadores possível ganhando menos que o mínimo, afinal de contas, ninguém se importa em ver um proletário feliz. “Se temos máquinas que fazem de graça, pra que pagar?”, questionava o coach de produtividade do nosso Vale do Milício.

Em um terceiro momento viram Aqueles que Torcem Contra, como são chamados hoje após o advento do reich tropical, serem massacrados por sua SS particular e em seguida descaracterizados por uma sociedade que já desejava o reich, mas não sabia. Em um ponto que até a ‘oposição-dita-soviética’ participou dessa descaracterização dos descontentes, aceitando, em contrapartida, ser o saco de pancadas oficial do novo regime. E parece confortável no novo papel até hoje.

E bem, depois de tudo isso, só faltava um líder, um verdadeiro fñher que estivesse a altura desta nova era que nascia em todo o país. Saindo direto dos bueiros da ditadura para os aviões presidenciais com 39 kg de determinado produto, surgiu o sebastiânico líder. O representante máximo – já que gostamos tanto de representatividade – de todo denominador comum entre esse monte de restos de nada, o rei do nada. Não poderia ser ninguém mais ninguém menos que o Palhaço Bozo, de quem tanto falaremos por aqui.

Como já pudemos perceber logo de cara, o líder de nada é o nada ao quadrado. Pra começar, ele não é o Bozo original, mas a cópia da cópia da cópia. Copiou seu nome de guerra do alaranjado líder máximo da Terra da Liberdade – este sim, por sua vez, inspirado pelo original. Mas mais do

que isso, ele não é nem sequer um palhaço. Suas palhaçadas são tão deprimidas e involuntárias que seria uma ofensa a todos os palhaços da classe de artistas circenses chamá-lo assim com alguma seriedade.

Em termos políticos ele quer espantar inimigos potenciais, em particular seu saco de pancadas oficial, a oposição-dita-soviética, fazendo-se parecer, maquiavelicamente, a reencarnação tropical de Hitler. *‘Pero su mamá no lo deja’*, diria o meme carregado de realidade. E, assim, felizmente ele não enganou a todos.

Como uma esfinge de fezes e objetos fálicos, se decifrado revela-se como é: um mafioso falastrão. Muito eficiente no ofício criminal e no aumento do patrimônio familiar, porém apenas mais um personagem do segundo escalão de humoristas involuntários do velho Domingão do Centrão – a maldita franquia que veio para essas terras com a primeira nau e que só irá embora junto com o último liberal.

O problema é que no meio desse mar de merda estamos nós, aqueles que ainda não tiveram as ligações neuronais corroídas pelo vírus da nova ordem. Irredutíveis como uma pequena aldeia gaulesa, porém sem qualquer poção mágica que nos faça invencíveis, somos obrigados a trabalhar para bancar essas aventuras, delírios e mordomias enquanto vemos nossas energias e saúde se esgotarem. Mas além de nos encaminhar a conta da farra, eles querem elogios, palmas, aplausos e, principalmente, as nossas almas.

Precisam dessa aprovação quase espiritual para alimentarem seus egos e sensação de poder. Porém, ao contrário do que muitos acreditam, e respeito profundamente ainda que não concorde, não temos evidências de que haja uma vida após a morte ou algo que o valha, que crie condições mínimas para que cogitemos negociar nossas almas sem mais nem menos.

E racionalmente falando, é mais provável que não haja nada disso, que sejamos um mero acaso da evolução e nossas existências pouco importem para o universo. O que quer dizer que, em meio a toda a destruição ambiental, social, humana e planetária, da qual cada dia nos aparece um novo episódio, nada importa.

Não temos um Deus, nem um Estado, nem nada que a civilização convencionou escrever em letras maiúsculas para inferir importância, que venha ao nosso auxílio. Pelo contrário. Como sempre, seremos nós por nós, como diziam as gírias do velho Brasil.

E eis que das entranhas da atividade predatória humana – e não se sabe se daqui do nosso quintal ou do outro lado do planeta – surgiu uma perigosíssima doença, letal, que em poucos dias corrói nossos pulmões e nossas mentes. E a partir de janeiro do ano de 2020 da nossa era, a crônicavírus que tomou o mundo todo de assalto, teve no New Brazil um dos seus expoentes. Talvez o principal, porque por aqui o efeito foi ainda mais devastador: escancarou toda a gambiarra da destruição da nossa maravilhosa sociedade.

Bem-vindos ao New Brazil!

Tudo do pior que podemos apresentar

9 de abril de 2020

O calendário apontava meados de março e eu estava em Saint Paul City, antiga São Paulo, onde já se levava a sério a ainda distante epidemia de cronicavírus, que já tomava a Itália de assalto semanas antes, fechando as portas do país. Em um ônibus que ia do centro daquela capital para a região outrora conhecida como Pirituba, metade dos passageiros, sobretudo senhoras um pouco mais idosas – mas não só –, já usavam suas máscaras cirúrgicas.

Só não digo que anteviam a tragédia porque muitas pessoas vivem em pânico constante atualmente em nossa sociedade, mas a verdade é que consciente ou inconscientemente esses olhos preocupados nos mostravam o que viria em seguida.

Os encontros com amigos, familiares e outras pessoas ainda não eram mediados por máscaras e distâncias, mas as conversas já apresentavam preocupações sobre a chegada do *novo cronicavírus*. Contudo, Saint Paul City funcionava normalmente. Ruas entupidas de gente, um barulho eterno de buzinas, acelerações e freadas de toda sorte de veículos automotivos, individuais e coletivos. Em qualquer lugar da megalópole. Nada parou o movimento da imponente capital *paulistaner* naquela primeira semana de março.

Enquanto estive por ali, aquela estimulante figura intelectual que é o Palhaço Bozo, o nosso grande líder, andava pela Terra da Liberdade passando umas férias. Eventualmente aproveitava as horas vagas para se ajoelhar diante da alaranjada e rechonchuda face do imperador *Rambozo, the original*, junto de uma comitiva tão inchada quanto sua bolsa de colostomia – e me refiro à que fica sob o crânio.

E enquanto eu retornava para a cidade onde vivo atualmente, o nosso Bozo, cópia quase macunaímica do original, também voltava para Brazillia DC. Trazia em sua bagagem a grande celebridade mundial do momento: o *novo cronicavírus*.

Inclusive, este já havia se apossado de 23 membros da comitiva presidencial, segundo matéria do portal de notícias da Rede Goebbels, o maior do país, publicada um par de semanas depois (23/3). O que obviamente nos leva a crer, por associação, que as chances de haver mais do que 23 infectados também existia – e essa tese acabou comprovada posteriormente. Ao longo daquelas semanas, um por um dos membros da comitiva do Palhaço aparecia positivo para Covard-17. As expectativas eram grandes, confesso, sem nenhuma vergonha na cara.

Bozo ainda negava notícias da sua própria contaminação – o que parece óbvio, pois até onde sabemos o vírus ainda não chegou aos suínos – quando em 11 de março a Organização Soviética de Saúde (OSS) decretou a ‘pandemia’. Com a declaração, os palhaços-estaduais de *Santa Cattarina*, *South Big River* e, logo depois, Saint Paul, New Rio e de mais alguns Reichskommissariats tropicais (antigos Estados da União) decretaram quarentena em seus respectivos territórios (nota: sempre leia as renomeações do reich tropical com forte sotaque *green-go*).

E bem, a partir daí o que era uma grande piada virou um verdadeiro show de horrores. Mas não deixemos de lado o caráter tragicômico do buraco em que nos metemos. Melhor rir do que perder os cabelos – e se o leitor for perder os cabelos ou já os tiver perdido, que pelo menos sorria.

Na primeira semana de isolamento social aconteceram algumas coisas impressionantes. Tive o privilégio de acompanhar a invasão e posterior implosão de grupos de *zap-zap*, um curioso novo meio de comunicação de massas, de fãs do Palhaço Bozo que espalhavam uma série de notícias falsas – e mentiras em geral – sobre a pandemia, o isolamento social, além de esquetes do seu programa de humor favorito. Por exemplo, diziam que beber leite com limão podia reforçar o sistema imunológico. Haja papel higiênico nos supermercados porque era daí pra baixo!

Não foi fácil analisar o conteúdo original desses grupos em meio à chuva de *stickers* que os guerrilheiros virtuais mandavam sobre os mais diversos temas, mas em especial ironizando de forma bem vulgar ou pornográfica o palhaço de segunda categoria que foi proclamado Führer do New Brazil. Entre esses famigerados *stickers* e os números de telefone de adeptos do bozismo saindo em massa dos grupos, consegui me antecipar ao que viria na sequência. E bem, como não sou lá muito entendido de computação, pedi que não mais me colocassem nessas arenas, ainda que tenha desfrutado o caos.

Outra antecipação veio de algumas conversas em videoconferência com os mais variados amigos, colegas de profissão, contatos e conhecidos. Era unanimidade entre todos eles que o sistema de saúde colapsaria quando chegasse o ápice de contaminação. Também era consenso que os pobres e injustiçados patrões do nosso New Brazil, os necroburgueses, fariam o possível para que isso acontecesse.

Dito e feito.

Descobrimo que sua riqueza não se produz sozinha, os grandiosos varões e varoas do nosso New Brazil Baronil começaram, um por um, a figurar nas redes oferecendo um cardápio bastante farto de chiliques, ‘quase-infartos’ e tentativas de AVC. Depoimentos de ““importantes empresários””, entre duas aspas ou mais, como Roberto Injustus e o Velho da Navah – entre outros que, como cães de madame por trás de portões de bairros de classe média alta latem para os carteiros – ignoravam as recomendações da OSS, aquele maldito sovieta no coração de Bruxelas. !! SELVAAA!! E ordenavam que seus ‘colaboradores’ voltassem ao trabalho que tanto dignifica seu patrimônio e contas bancárias.

Suas carreatas foram um sucesso e acabaram recebidas com bosta de vaca e belos adjetivos pelos populares em Havana, Pyongyang, Manágua, Caracas e também no sovieta de Balnearium Camborium, em Santa Cattarina.

Foi o sinal verde para que o programa do Palhaço Bozo seguisse com suas piadas nas três semanas seguintes, sempre às quintas-feiras no estúdio, e em suas *lives* de rolês aleatórios no estacionamento do Planalto,

que eram ótimas pois contavam com amigos e desafetos, sempre um barraco garantido. E como bom brasileiro, adoro um barraco em qualquer situação, mas se for entre gente importante e graúda, melhor ainda.

Uma das piadas justamente era dizer que o Cronicavírus era só uma ‘gripezinha’ ou no máximo um ‘resfriadinho’, que as preocupações da OSS e de amplos setores da população eram uma simples histeria colocada pelos comunistas da Rede Goebbels, afinal, o nazismo foi de esquerda. Realmente, temos que tirar o chapéu pra essa teoria!

Uma outra muito boa é que o brasileiro deveria ser estudado em laboratórios porque, como ratos, teriam a distinta habilidade de nadar no esgoto sem que ‘pegasse nada’. E esse infame personagem, que provavelmente já nadou em algum córrego às graças e que mistura um físico de Mister Burns dos Simpsons com a astúcia de um Sargento Garcia, fez a melhor de todas as suas piadas: de que por conta do seu histórico de atleta, nenhum mal lhe ‘acometeria’. Essa foi tão boa que eu já me esquecia da palhaçada com a colocação da máscara médica. Risos globais aqui e ali. Inclusive, caso existam extraterrestres inteligentes, talvez habitantes do rubro planeta Marte, é possível que o riso em vez de global, tenha sido interplanetário.

Mas as desventuras do palhaço paraquedista deixaram a situação tão vergonhosa que até mesmo o CEO de Saint Paul, Johnny Dólar, que outrora defendia alimentar crianças de baixa renda com ração feita a partir de comida processada ‘perto da data de vencimento’ na merenda escolar, fosse visto como um verdadeiro defensor dos direitos humanos por simplesmente não se opor às recomendações da OSS.

E para que os new-cariocas não se sintam pra trás, um senhor que atuava como palhaço-estadual por lá (antes de acabar preso, como todos os anteriores, prática que já faz parte do rito local), e que desceu de um helicóptero comemorando um tiro de sniper ao vivo na TV, efusivamente, como se comemorava um gol em clássico de antigamente, também está na lista de ‘novos defensores da vida e dos direitos humanos’, ao lado de Dólar e pelas mesmas razões. Viva o New Brazil!

Isso rendeu outro barraco mais do que brasileiro, entre Bozo e Dólar. Como que se escondendo por trás de uma goiabeira, um sorrateiro celular filmou uma videoconferência nos Estúdios Dólar – onde o palhaço-estadual produz seu programa para os paulistaners – entre ambos palhaços e seus produtores. Nela, Dólar exigiu que Bozo não confiscasse máscaras de seu território, uma vez que ali era, e é, o epicentro nacional da pandemia. Em resposta, o palhaço de Brazillia DC deu um verdadeiro chilique. “Você quer tomar o meu lugar nas próximas eleições!”, ecoou na internet.

E durante todo esse tempo, o Palhaço Rambozo, *The Original*, que fala inglês, se pinta de laranja e vive mais ao norte, ditou o discurso de seu sócia tropical. Mas um ataque sino-soviético fez com que os casos positivos de Cronicavírus aumentassem na Terra da Liberdade e fizessem com que *Rambozo, the Original*, recuasse com suas piadas. Mas em terras neobrazilians, a atitude não se repetiu até que as brigas entre o nosso Bozo e o Gordinho do Plano de Saúde (GPS) dessem lugar à rumores de uma tão desejada intervenção militar em Brazillia DC, mas não falaremos disso hoje. Fica para a próxima. Se houver próxima...

Acompanhando tudo isso, pensei: que tipo de coisa pode ser feita numa situação dessas? E após muito refletir, me dei conta de que a solução seria, óbvio, ofender o maior parceiro comercial do New Brazil – que, por acaso, é o único produtor em grande escala de, vejam só, equipamentos médicos. “Aonde?” “No mundo”. Mas demorou muito para que essa ideia brilhante me tocasse. Tocou mais cedo a um dos filhos do nosso Palhaço, e justamente o metido a embaixador. Melhor impossível.

E eis que fugi por alguns dias para as montanhas da minha imaginação, pois só estive em casa mesmo, e no começo de abril, ainda atordoado com tudo ‘isso daí’, liguei a GoebbelsNews para me informar sobre esse maravilhoso mundo.

Extra! Extra! Saque democrático no Pacífico!

“Não queremos que outros consigam máscaras”, dizia o alaranjado Rambozo na língua dos coaches. Seu país ressuscitara uma lei oriunda dos anos 50 que legitimava o ‘direcionamento da produção’ em prol dos seus próprios interesses.

Bom, se foi aprovado por um Congresso, o saque é democrático.

Bem o sabem os despossuídos.

“Mas, por favor, não critiquemos, o momento é de união”, dizia o mantra, até que paramos de dar importância.

E ao final de toda a estória – que continuará nas próximas semanas – finalmente entendemos o porquê da compra de tantos pacotes de papel higiênico.

Os seres da lata do lixo da história rumo ao Hexa!

9 de maio de 2020

Hoje não! Hoje não! Hoje não! Hoje sim... Hoje sim..., narrou o narrador, talvez? - E risos da plateia que comparece aos estúdios.

Pois é! Não foi no começo do último mês de abril que veio a tão aclamada intervenção militar no programa do Palhaço Bozo.

Mas os generais passam bem, obrigado. Mesmo os que contraíram o novo cronicavírus ou que foram submetidos à enorme tortura de serem inscritos como sócios do Vasco da Gama.

Pobres generais, tão injustiçados que ficaram de fora até mesmo das maravilhosas reformas Previdenciária e Trabalhista que prometem salvar o New Brazil e abrir uma nova era parecida com o paraíso das artes gráficas que as incansáveis Testemunhas de Jeová seguem trazendo às nossas portas. Sempre a fim de convencer-nos a abandonar uma vida em que ainda existe algum sexo, diversão e pequeno-prazer para adotar seus dogmas religiosos, cheios de restrições e culpa. Parece pouco sensato, mas por incrível que pareça ainda convence algumas pessoas. E as fazem correr riscos de contaminação. Vai entender...

Algo parecido tem se aplicado também ao programa do Palhaço Bozo, que se mostra cada dia mais decadente, mas consegue manter a audiência e o apoio fiel dos que em sua produção ainda não foram demitidos a pedido de um dos 3 bozinhos, por não rirem de alguma piada péssima que eles mesmos redigem.

Entre as participações canceladas, a do mais novo 'defensor da vida' no New Brazil: o Gordinho do Plano de Saúde (GPS), que agora já estuda a qual projeto de novo programa de palhaçadas se juntar na próxima temporada. Lembremos: GPS hoje é tido como alguém sensato, um defensor da vida, mas seu papel ali sempre foi o de vendedor de planos de saúde privados. Custasse o que custasse. E era bom nisso!

Mal começava o mês de abril quando GPS foi demitido do programa, e logo virou alvo de ofensas da divisão robótica da Loucademia de Milícia – chefiada por um dos três bozinhos – com suas tropas auxiliares de terraplanistas. Foi quando também o Super Pato, herói sem capa favorito dos cana-lhas, começou a não mais rir das piadas do Palhaço Bozo.

Em contrapartida, e na mesma rapidez, GPS também ganhou afagos da Rede Goebbels (& satélites) e de todo o Domingão do Centrão: pastores fundamentalistas, latifundiários que assassinam indígenas e o meio ambiente, membros de outras loucademias de milícias que praticam a extorsão e a coerção de populações inteiras, banqueiros, players financeiros, representantes de grandes corporações, picaretas de todo tipo e toda uma fauna ainda mais vasta de gente-que-dá-carteirada. Resumindo, seres provenientes da lata do lixo da história que agora posam como gente decente e sensata quando dizem afastar-se de Bozo – defensores da democracia, das boas maneiras e da união entre todos nós contra o cronicavírus. “Temos que vencer essa guerra juntos”, dizem.

Mas os 3 bozinhos – Carluxinho Feiquenils, Eduxinho Embaixador e Flavuxinho da Rachadinha – não perdem tempo. E conseguiram fazer a audiência mais cativa rejeitar GPS raivosamente e de maneira tão rápida e profissional que não conseguiram repetir a dose com tanta maestria na vez do outro ‘demitido’ de honra do mês, o Super-Pato. Mas no futuro conseguiriam.

‘Demitido’, no caso do Super-Pato, entre aspas simples, sim, porque foi um pedido de demissão seguido de uma delação premiada que expunha os 3 bozinhos para toda a audiência – tanto a fiel quanto a que não tem outra opção senão acompanhar o show de horrores. E nesse movimento, a demora de ação dos 3 bozinhos pode ter retardado o rechaço ao Super-Pato, aquele que prometia nos salvar da corrupção, mas que sentia muita dificuldade ao responder perguntas simples. Talvez ainda sinta. Não acho que isso tenha sido encenado.

E nesse vácuo, as piadas do Palhaço Bozo de que ‘foda-se’ o Croni-cavírus, ‘não sou coveiro’, entre outras, começaram a ser levadas a sério e as pessoas foram às ruas pelas mais diversas razões. Umas só queriam passear mesmo. Outras, a maioria, precisavam trabalhar para não serem

despejadas ou morrerem de fome, e tinham de vender sua força de trabalho para os maravilhosos necroburgueses que com muito êxito também foram às ruas após sabotarem a quarentena, e a nossa saúde física e mental, através das palhaçadas do seu representante e das suas próprias. E se na guerra social empregado é colaborador, até que os coaches podem ter razão: vista a camisa da empresa!

Em seguida, quando houve a liberação das hordas de seres humanos sedentos por qualquer coisa que não sabem nem explicar, uma pessoa se destacou mais uma vez entre os fãs do Palhaço Bozo que tomavam as ruas pedindo o fim dos juízes e legisladores comunistas do soviete de Brazillia DC. Era um gordinho. Aquele que parecia enfartar numa ponte em Saint Paul City enquanto festejava a morte de Johnny Dólar – que segue vivo apesar da comemoração. Um ser abjeto que fui descobrir, reivindica para si um suposto ‘anarquismo’ com nuances de liberalismo nazistoide californiano e fundamentalismo cristão medieval – exatamente o contrário do que sabemos que o anarquismo e todo o campo libertário representam, simpatize ou não com eles. Esgoelava-se nas ruas contra a quarentena, a saúde alheia e os comunistas imaginários, em nome do seu amigo imaginário – aquele que deve estar über alles, ou, ‘acima de todos’ de acordo com slogan do New Brazil.

Quando tive o desprazer de tomar conhecimento a respeito da existência desse ser, já não suportava mais ouvir falar de Cronicavírus, Palhaço Bozo, 3 bozinhos, Rambozo, Loucademia de Milícia e toda a grande merda na qual nos metemos. Nesse dia, me fechei em meu próprio mundo paralelo e vi o mínimo de notícias, vídeos e tranqueiras online, apenas o suficiente para trabalhar e me internei com uma guitarra por algum tempo.

O mau humor e as preocupações sobre o céu caindo sobre nossas cabeças durante e após o Cronicavírus me tomaram de assalto. Sei que muitos dos leitores também não querem mais saber e não aguentam mais toda essa desgraça: estamos juntos! Não percamos os cabelos. Eles não merecem nem um fio. E se já os tiver perdido, e daí? Não sou barbeiro, tálquei?

Outra figura grotesca que ressuscitou, pois havia algum tempo que se sentara ao pé de uma goiabeira e ali ficara quieta, foi a Loira do Banheiro Nazista. Uma não tão antiga lenda urbana paulistaner, personificada.

Diz a lenda que nos anos 20 era uma garota que morreu fuzilada por Stalin na Ucrânia; e voltou ao mundo por meio de um vaso sanitário mal-assombrado do interior de Saint Paul, prometendo vingança. Após seu renascimento, flertou com musculosos rapazes neonazistas e suas gangues que atuavam longe dos holofotes da mídia e sob vista grossa das autoridades, mas tirou um ano sabático como feminista em seu país natal, matando uma saudade de quase um século, antes de retornar como assessora da Inominável Ministra da Família e Humanos Direitos. Agora aparece nas redes antissociais organizando uma milícia de mortos-vivos como ela, que prometem sugar a energia dos vivos, matando-os e transformando-os na sequência. Como aprendera com alguns alemães esquisitos que visitaram a Ucrânia na época de sua primeira existência.

Nos finais de semana de abril vimos por diversas vezes o Palhaço Bozo fazer seu show nas ruas, os quais os roteiristas nomeavam de ‘Manifestação pública e democrática’ e assim apareciam entre os Plim-Plins. Na última delas, entre os dias 2 e 3 de maio, jornalistas e enfermeiros foram deliberadamente agredidos nas ruas pela e para deleite da audiência. Bandeiras pedindo tortura, censura e mais mortes tremulavam a cada piada do personagem principal. Mas o que mais chamou a atenção foram as tragicômicas – ou farsescas? – brigas entre o bozismo e o superpatismo. Ou, ‘o trotskismo para chamar de seu’, como apontaram – erroneamente, mas não importa, aqui vale a ironia – alguns memes de humor político nas redes antissociais. Tudo ao vivo na GoebbelsNews, que ensaia algum desconforto mas acaba por contemporizar com tão lamentável pântano em nome da piora sistemática da economia.

Há quem ainda apoie tamanha sandice, apesar das piadas já terem perdido a graça – se é que realmente já tiveram alguma. A essas pessoas, uma coisa é importante ser dita, sem ironia: seus filhos e netos terão vergonha de vocês e a história os julgará com todo o rigor que lhes cabe. Já ouviram falar dos Julgamentos de Nuremberg? Não é fake news! Peçam praquele tio mandar a história pelo zap-zap.

Rumo ao Hexa!

E enquanto a Loucademia de Milícia tenta apagar o próprio incêndio e inflar sua audiência para as próximas apresentações ao vivo de final de semana, o Cronicavírus vai atingindo recordes no New Brazil, rumo a mais uma liderança mundial!

No começo de maio (dados reais, apesar do surrealismo da crônica¹), ainda estávamos em oitavo lugar na tabela dessa Copa do Mundo de pontos corridos. Com 141 mil casos totais confirmados, 5300 novos casos notificados só no dia em que essas linhas foram escritas, e média de 5 mil novos por dia. Para não falar das mortes, que chegaram a variar próximas de 500 por dia.

Com mais 50 mil novos casos confirmados ultrapassaremos a quinta colocada Rússia. Já atropelamos a China e o Irã que tinham ganho destaque nas primeiras rodadas e agora vamos com força para essa decisão contra os russos, atropelando a Alemanha e a França no caminho, com uma média de 500 novos registrados por semana, contra 100 desses últimos rivais diretos.

Salve a seleção!

Em segundo e terceiro lugar, Espanha e Itália, respectivamente, crescem em ritmo duas vezes menor que o nosso e podem ver o cavalinho verde e amarelo, com estrelas e cruzes em chamas, se aproximando no próximo domingo a noite da Rede Goebbels.

Em breve assumiremos a vice-liderança. Ainda assim será difícil seguir o líder e eventualmente batê-lo. A Terra da Liberdade, do alaranjado imperador Rambozo, The Original, conta com dez vezes mais casos registrados (1 milhão e 300 mil) e lidera com folga quántupla em todos os outros quesitos. E isso tudo apesar dos saques. Mas este seríssimo país também aprontou das suas. No último dia 4 de maio, seus mercenários protagonizaram um verdadeiro ‘Bacurau da vida real’, contracenando com pescadores venezuelanos. Só que isso é tema para outra crônica. De toda forma, há que se elogiar a programação da emissora.

1 Os dados de contaminação são do site World Do Meters, de 7 de maio de 2020: worldometers.info/coronavirus

Retomando o foco, o perigo de ficarmos só no vice é real. Como em 1998, estamos sendo sabotados pela própria comissão técnica e patrocinadores. Como na piada do inferno brasileiro de que quando não falta merda, falta quem a entregue, também carecemos de testes suficientes para as pessoas que chegam aos montes nos hospitais pedindo socorro em meio à e em decorrência da pandemia.

A subnotificação é absurda, e aqui não há nenhuma ironia com a pandemia, muito menos com os trabalhadores da saúde, apenas com aqueles que sabotam o trabalho destes e a saúde de todos nós. De repente o leitor desavisado pode vir a mal julgar essas linhas. Apesar do código confuso, a analogia com o futebol se deve ao fato que os governantes e oligarcas realmente estão fazendo tudo o que podem – e não podem – para liderar esse ranking.

Ou melhor: na falta de uma pedra, vai uma ironia.

Mas voltando ao que interessa, será que o Hexa vem em 2020 da mão do Palhaço Bozo, como veio o Tri com o general Médici?

Esse final de semana (9 e 10 de maio) promete dar indícios mais claros disso. Por conta do perigo real de contágio por Cronicavírus – não importando se sua procedência é natural, decorrente da ação humana irresponsável, ou se tem acordo com alguma teoria conspiratória – muitos de nós, a maioria que ainda tem alguma sanidade mental e conexão entre neurônios, deve ficar em casa durante os finais de semana.

E o máximo que poderemos fazer é assistir ao vivo na Goebbels-News o show do Palhaço Bozo e sua Loucademia de Milícia, que chamaram a audiência para tomar as ruas e perpetuar esse horroroso script em nossas televisões e celulares.

E a democracia? Pobre democracia! Preocupa-se com razão com o Cronicavírus e, com ainda mais razão própria, faz sua milimétrica vista grossa às hordas que se aproximam de si – em claro sinal de simbiose. O problema é que somos muitos os que vão se impressionar com o simulacro e entrar em profunda confusão. Não se assuste! Não há limites para palhaçadas! Acreditar que há limites pode te tornar limitado, diria um desses gurus da nova era.

E não se esqueçam: desliguem os aquecedores das piscinas! Eles são atraídos pelo calor e o Inmetro não está nem aí! Talquêi?

Com vocês, a Namoradinha de Auschwitz, e outras estórias

16 de maio de 2020

A primeira semana de maio nem acabava e uma inserção bem particular do programa do Palhaço Bozo em um canal satélite, cujos donos e diretores são amigos pessoais do nosso palhaço e sua *familícia* (importante lembrar), roubou a cena de maneira espetacular e precisou de um pouco mais de espaço em nossa série de crônicas.

E isso ocorreu em um momento muito interessante, no qual a Rede Goebbels ensaiou apoiar a transmissão de um virtual futuro programa de palhaçadas, supostamente protagonizado pelo recém-demitido Super-Pato, ao invés do Palhaço Bozo, dada a decadência deste último. Dessa forma, tem dado menos destaque ao programa de Bozo do que na época de sua ascensão, o que divide a audiência e causa a ira do nosso palhaço, de sua Loucademia de Milícia e seus fãs.

Quem diria que a Rede Goebbels, assim como o nazismo, seriam de esquerda? “Fogo no soviete do Botanical Garden!”, teria gritado um ‘gordinho-selva’ qualquer por aí.

E no meio disso tudo, as piadas do Super-Pato após sua demissão quebraram a grande audiência do Palhaço Bozo no meio, mesmo que por umas míseras semanas. Ele saberia de um vídeo de uma reunião da produção, onde Bozo teria entregue sua preocupação com a segurança dos seus três bozinhos e, com isso, promete sacudir as próximas semanas no New Brazil.

De toda forma, essa perda de prestígio da Rede Goebbels rendeu até mesmo uma interferência na transmissão do seu principal telejornal no exato momento em que falaria sobre o vídeo do Palhaço Bozo. Liberem o vídeo pelo bem do New Brazil! A piada precisa continuar!

Mas logo falaremos mais do Palhaço Bozo. Voltemos ao quadro adjacente do qual falávamos, pois nele foi entrevistada a maravilhosa, a única... ninguém mais, ninguém menos que ela, a nossa Namoradinha de Auschwitz!

Ela que há pouco assumira seu lugar como diretora cultural do programa do Palhaço Bozo no lugar do diretor antigo, o Amiguinho de Auschwitz, que acabou muito criticado após um quadro de humor exibido com maestria pouco antes do novo cronicavírus chegar e nos tomar de assalto, como se fosse um cabo e um soldado no Congresso. Mas de todo jeito, com a chegada da nossa musa da tortura (física e mental), a direção cultural do programa continuou com a mesma relevância e nível. Tudo em casa e “o trabalho liberta”, – diriam os cartazes no portão.

A conversa, cheia de piadas de muito mau gosto, era esperada pela audiência, pois a nova diretora devia algumas explicações sobre seu sumiço após trágicos eventos devastarem a cultura nacional. Entre eles a morte do gênio² que inventou o *conceito de Brazil* que usamos nestas crônicas, assim como outros grandes mestres e mestras que nos deixaram por conta da pandemia e não receberam a mesma palavra de carinho da nossa namoradinha, como receberam alguns senhores, não tão gênios, nem tão importantes assim. Por exemplo, o Mc Reaça (repare que este nome não é invenção destas crônicas, a realidade supera a ficção).

Mas o que vocês leitores e a maioria da audiência talvez ainda não tenham entendido é que no New Brazil nada disso importa. “E daí? Não queremos carregar um cemitério nas costas”, oras bolas! E quem gosta de osso é cachorro, talquei? E assim a plateia vai à loucura. Vai entender...

Antes de irmos propriamente à entrevista da Namoradinha de Auschwitz, é digno de nota ainda o comentário de um dos generais da produção do programa do Palhaço Bozo sobre o quadro. “A Namoradinha de Auschwitz demonstrou quem ela é: uma pessoa sensível, humana, doce e preocupada com o New Brazil”, declarou no último final de semana para a imprensa soviética que insiste em não aderir aos bons modos da nova ordem – ainda que demonstre ter estômago pra isso.

2 Descanse em paz, Aldir Blanc – assim como todos os outros gigantes que nos deixaram neste maldito ano.

A entrevista com a Namoradinha de Auschwitz

Pois bem, a participação da Namoradinha de Auschwitz já começou no melhor estilo New Brazil: com declarações de afeto entre entrevistador e entrevistada, elogios à diferença de opinião e bom humor ao se vangloriar da habilidade de ‘desviar das pedras’. Dito e feito.

É claro que tudo isso devia ser refogado com a declaração de que se sentiu representada e sensibilizada por um poema do Virjão Espinhudo, debatedor-mirim do canal e um dos nossos expoentes de intelectualidade do New Brazil ao lado dos estimulantes Liberais-da-5^a-Série-B, do Gordo Selva, da Loira do Banheiro Nazista e tantos outros. Dizia o poema:

*Cronicavírus quando nasce
Faz parar o coração
Namoradinha de Auschwitz
Fecha um monte de caixão*

E bem, me recuso a reproduzir o restante da obra, mesmo com o ódio-criativo que a quarentena me proporciona estando a milhão. E de repente ainda podem me cobrar os direitos autorais, sei lá. Uma peça dessa não passaria despercebida e a Namoradinha de Auschwitz se derreteu ao vivo com tanta doçura. Disso precisamos nos lembrar. Foi de encher o coração... ‘do que’ é você quem decide.

“Cara, desculpa, vou falar assim... na humanidade não para de morrer gente”, respondeu com o sorriso de uma docilidade sem-igual ao questionamento do repórter-amigo sobre seus chefes exaltarem o obscurantismo de outrora no programa do Palhaço Bozo. O repórter, sem jeito, não conseguiu fazer nada além de abrir um sorriso amarelo e refazer a pergunta de uma maneira ainda mais docilizada.

Ao que respondeu a Namoradinha: “Sempre houve tortura, meu Deus! Stalin! Hitler! Não quero pensar nos mortos do passado, meu Deus! Vocês carregam um cemitério nas costas, poxa vida! Estamos leves, vivos, por que olhar pra trás? Meu Deus”, e após repetir “meu deus” por três vezes,

como se fosse uma profecia bíblica, o quadro foi ficando cada vez mais dramático sempre que ela era indagada sobre sua falta de empatia com a violência estatal que permeia as histórias tanto do Brasil, quanto do New Brazil – e que seu programa de palhaçadas insiste em escarnecer, ou melhor, ‘escrotizar’, nas palavras do próprio Palhaço Bozo.

Assim, a dramatização foi aumentando até que veio a explosão. “Deixem a minoria gritalhona pra lá”, bradou. Afinal de contas, nada disso estava combinado. Realmente, é um verdadeiro absurdo esse relaxo do roteirista! Concordo contigo, Namoradinha.

Mas como a senhora disse, a primeira instrução a gente nunca esquece, não é mesmo? Não esqueceremos, e daqui alguns anos quando gravarmos um documentário sobre o programa do Palhaço Bozo, espero que a senhora possa atuar no próprio papel. Seria enriquecedor.

Churrasco dos 10 mil no Jet Ski

Mas o Palhaço Bozo também aprontou das suas. Ainda no final de semana dos dias 9 e 10 de maio cumpriu sua promessa de comemorar as 10 mil mortes por *cronicavírus* com um churrasco. E o fez com uma graça tremenda e digna de um meme decadente como ele é: em cima de um jet ski.

Isso porque havia anunciado o churrasco dias antes em uma das piasdas do seu programa, para desviar o foco de alguma paspalhice mais séria, e após muitas críticas, apontou que não o faria mais. E sua audiência, muito frustrada com a negativa, não tomou as ruas nesses dias com o mesmo entusiasmo e falta de medicamentos psiquiátricos como nos outros finais de semana de pandemia.

Mas como o grande palhaço que é, Bozo surpreendeu a todos com suas trapalhadas sobre o jet ski. Montado sobre as águas, encostou na lateral de um iate onde haviam pobres e sofridos empreendedores, que vão de mal a pior com a quarentena, tadinhos, como pudemos ver. De um deles o Palhaço Bozo ganhou seu pedacinho de carne na frente das câmeras, lembrando a todos nós que devemos nos unir em torno de tão linda solidariedade entre seres humanos.

“Todo mundo vai ser infectado, mas não dá nada”, disse Bozo tirando risos dos homens do iate, que tinham um quê de mercenário americano do filme *Bacurau da Vida Real*.

A audiência foi ao delírio! E esse quadro do programa de fim de semana superou em muito as piadas e palhaçadas do início da semana. Suas aparições também estiveram moderadas, relegando a seus grotescos personagens secundários o protagonismo do show nesses dias. Isso porque as piadas sobre os três bozinhos que o Super-Pato afirmou ter em fita realmente fizeram o Palhaço Bozo pensar em como o atacaria em seguida.

Pensava, é claro, no contrato de seu programa que logo poderia sofrer tentativas de quebra na Justiça comum. Afinal de contas, tratar uma coisa tão banal como uma pandemia com alguma seriedade jamais passaria pela cabeça dos roteiristas de um programa tão vulgar de palhaçadas televisivas.

Os 299 do New Brazil

União Bozo-Moluscowski? Os Liberais-da-5ª-Série-B bem que tentaram e já saíram disparando suas sandices em forma de piada nas redes. Mas o rápido humor pueril dos jovens liberais estridentes logo perdeu a graça com o advento dos 299 do New Brazil, coordenados sob a voz da nossa já conhecida Loira do Banheiro Nazista. Mesmo sendo grandes expoentes da intelectualidade do New Brazil, os Liberais-da-5ª-Série-B foram ofuscados e ficarão para uma próxima. Se houver...

Pois bem, eram os *300 do New Brazil* até que um dos seus líderes, o Sargento Bigode, uma figura grotesca das pantanosas redes antissociais bozistas, acabou contraindo cronicavírus e desfalcou a mais nova milícia democrática, que teve de mudar de nome, mas não trocou seus pertences e segue acampada em frente aos estúdios do Palhaço Bozo e armada até os dentes, segundo ela própria.

Seu adoecido comandante cansou de declarar na internet que coordenava comboios armados que iriam direto para o Congresso, ao lado dos Estúdios Bozo. Tamanha piada chocou a audiência,

entre aprovação e rechaço, mostrando como boa parte de nós tem um apreço enorme em chafurdar na bosta. Além disso, cansou de declarar suas saudades de tempos horrorosos.

“Não, ô seu velho decrépito! Não confunda sua infância com o período histórico no qual ela se passou!”, gostaria de lhe dizer. Mas como sabemos, no New Brazil nada disso importa.

É isso que dá esse parnasianismo da literatura do velho Brasil que aprendíamos na escola. Aquela coisa doentia da infância que não volta mais. Esse fetiche por sair com pessoas bem mais novas também pode entrar aí, assim como a neurose de boa parte da audiência em se parecer jovem eternamente. Não que funcione, mas mais nazista do que isso, impossível. Pra maioria esmagadora das crianças tanto no velho Brasil como no New Brazil, a infância é dura e muito difícil. Muitas vezes com pais ausentes e passando necessidades. Infelizmente, essa falta de vergonha na cara dos arautos do New Brazil aparecem como apenas mais um reflexo não apenas do que somos, mas principalmente do que nos deixamos tornar. Sem a menor resistência.

Da mesma forma, a presença dos 299 do New Brazil em praça pública também diz muito sobre tudo ‘isso daí’. Fora do horário do programa do Palhaço Bozo, mandaram a polícia lá averiguar a presença de armas e pedir, com educação, que aquelas pessoas saíssem de lá. Ao chegarem, senhoras em nome da Família, de Deus e dos Humanos Direitos, se ajoelharam e começaram a rogar ao altíssimo pela saída dos policiais que, por sua vez, não podiam desacatar tamanha autoridade.

Infelizmente, tal compreensão da autoridade divina não foi vista nas inúmeras vezes em que este escriba acompanhou outro perfil de senhoras rogando por suas vidas em despejos de ocupações, favelas e assentamentos. E, mais uma vez, o velho Brasil e o New Brazil se fundem.

Devolvemos o 7x1³

No mundial de Cronicavírus vamos ganhando posições. Se há uma semana nos faltavam cerca de 50 mil casos para superar nossos algozes alemães e franceses, hoje os ultrapassamos em 25 e 22 mil casos confirmados, respectivamente. Que feito: em uma semana nos livramos da final de 98 e do 7x1. Salve a Seleção!!

Entretanto, os russos também dispararam essa semana no quesito principal da competição, que são os casos confirmados, e estão 60 mil pontos na nossa frente. Ainda que estejamos jogando um cronicavírus-arte, atingindo já na metade de maio a marca dos 14 mil mortos, enquanto os russos têm míseros 2 mil e quatrocentos, ainda vamos demorar algumas semanas para superá-los.

Antes disso, podemos confirmar as freguesias italiana e britânica, já que com mais 30 mil casos confirmados, os superaremos com facilidade. Quem sabe na próxima crônica já os tenhamos ultrapassado. Ainda que eles tenham o dobro de mortes do que nós, seu fino da bola foi gasto nas primeiras rodadas do campeonato, e nós estamos em, pra liberal nenhum botar defeito, *viés de alta*. Pra frente, Brazil!

Com a mudança na direção técnica deste time promovida nesta sexta-feira pelo Palhaço Bozo, que já promete decretar o fim da quarentena no sábado em que esta crônica é publicada, temos tudo para assumir a vice-liderança em poucas rodadas e seguir o líder!

3 Os dados de contaminação são de 15 de maio de 2020, do site [World Do Meters: worldometers.info/coronavirus](http://worldometers.info/coronavirus)

A vingança do Palhaço Bozo

Lembram-se da vingança do Palhaço Bozo? Aconteceu involuntariamente (ou não, o que é mais provável) na última sexta-feira (15), quando apareceu demitido o novo – que já se tornou velho – técnico da nossa seleção em meio ao mundial de Cronicavírus. Nem os ótimos resultados que vimos na última semana o salvaram da demissão. A dança dos técnicos em meio de campeonato parece ser algo mais que o New Brazil importou do velho.

“Já fui atendente de farmácias em Miami”, afirmou com seriedade Eduxinho Embaixador, um dos três bozinhos, pleiteando o cargo de treinador, declarado vago. E risos e mais risos da plateia.

O Palhaço Bozo ainda não sabe quem vai contratar para o lugar do antigo treinador, que parecia um morto-vivo, e de quem já até esquecemos o nome. Tudo indica que deve vir um dos generais de sua produção, ainda que o nazi-humorista Paulo Gordura também apareça no páreo, jogando para o público, para acabar de vez, como vimos anteriormente, com essa piada maldita de quarentena que ele detesta.

“Não vamos ganhar o mundial com essa retranca toda”, gracejou o Palhaço Bozo.

Tiros, compras e água sanitária

23 de maio de 2020

Antes da chegada da pandemia, e o subsequente mundial de cronicavírus, as coisas já não andavam muito bem no New Brazil. Parte da audiência já andava às voltas com o Palhaço Bozo e todo seu entorno, como também já vivia um ensaio de isolamento social e pouco saía às ruas.

A exceção era feita exatamente pelos fãs incondicionais do Palhaço Bozo, esses sim, tomando as ruas como se deles fossem, despertando um desânimo enorme naqueles que simplesmente não aguentavam mais as piadas lamentáveis.

Naquela época, a Rede Goebbels ainda contemporizava com o Palhaço Bozo. Acontece que ainda em março, após a mesma televisão ensaiar algumas denúncias, e ainda que com toda cerimônia, painéis multitudinários tomaram as janelas das principais cidades brasileiras, transformando-as em verdadeiros sovietes tropicais.

Os protestos na janela diminuíram em abril e quase inexistem em maio, é verdade, mas o descontentamento com o Palhaço Bozo vai aumentando enquanto velhos frigoríficos entram para o rol de *new empreendedores*, oferecendo serviços de Instituto Médico Legal. Já a prática dos protestos na janela em si, por mais patética que possa parecer, e é, tem marcado esse início de pandemia no New Brazil, demarcado alguma insatisfação com o programa de palhaçadas e gerado algumas consequências bem feias.

Em Saint Paul City, tiros atingiram janelas no nobre bairro de New Perdizes ainda em março. Desde então, pouco foi divulgado sobre o caso. Dois meses depois, na última semana, foi a vez de acontecer na gentrificada terra dos Santa Ceciliers, localidade próxima da anterior. Denúncias semelhantes também foram feitas nesse meio tempo em outros lugares.

No caso dos Santa Ceciliers, não é apenas do perigo que passam as samambaias, os gatos e os livros de ciências sociais marxistas e arte em serem alvejados pelos projéteis, que ao que tudo indica podem estar vindo de fãs do Palhaço Bozo, mas o medo desses moradores de voltarem a frequentar a sala de casa os domina. A lógica ligação dos tiros como consequência dos painéis parece presente e curiosamente vemos a quebra dessas vidraças desinteressar as autoridades e seus porta-vozes, diferente de quando os ameaçados são os vidros dos templos do Deus-Mercado.

A polícia parece cuidar dos casos com a mesma vontade que o atacante Alexandre Marreco batia pênaltis antes de tornar-se top model na Itália e fã do Palhaço Bozo. A imprensa também trata a questão a seu modo: inicialmente com um sensacionalismo de prazo de validade, para em seguida deixar a notícia se perder no meio de um oceano de informações inúteis – cujos debates iguais e burocráticos são tantos como tantas também são as inserções diárias dos mais variados quadros do programa do Palhaço Bozo. Com isso, as notícias gravíssimas acabam esquecidas democraticamente.

Delírios de consumo

Quase nos esquecemos, por exemplo, de como é impressionante a propensão do súdito do New Brazil para o consumo. Enquanto estamos na zona de classificação para a *Libertadores do Inferno*, com a nossa atual colocação no mundial de cronicavírus, as compras continuam a todo vapor.

Digo isso porque me chamou muito a atenção. Vendo livros e discos na internet como maneira de complementar a renda. Faço alguns bons garimpos e os coloco à venda, portanto, toda segunda-feira piloto a minha motoca até a agência dos Correios do centro das Islas Argentinas (antiga Florianópolis), uma das únicas agências que permanece aberta em nosso arquipélago, para postar os produtos vendidos.

Pois bem, a cada semana, o percurso de mais ou menos quinze quilômetros que tenho de fazer tem sido cada vez mais cheio de carros e pedestres. Volta aos poucos o espetáculo dos SUVs ultrapassando caminhões, a mais de cem por hora, pela pista da direita na estrada que liga o

centro ao sul da região. Nas ruas, há muitas pessoas zanzando entre filas da Caixa e compras, das quais só conseguimos ver os olhinhos, pois está obrigatório o uso de máscaras. O transporte público também não funciona desde março. E mesmo assim, ao passar pelas ruas em volta da *15th Square*, surpreende a quantidade de tiazinhas e rapazotes cheios de sacolas de compras e celulares nas mãos.

Pergunto, de onde tiram tanto dinheiro e disposição para consumir? E nós, tolos, pensávamos lá no início do ano que o avanço do cronicavírus pudesse nos tornar menos consumistas. Até parece... como sabemos, não existe o conceito de 'lógica', nem o de 'bom senso' no New Brazil, essa nova-velha ordem regida a partir de palhaçadas nazistoides abrazeiradas.

História de superação de um pobre e honesto patrão do New Brazil

Em outra *linda história de superação* (gênero de humor mais querido pelos neobrazilians) digna de tempos difíceis como esses, pudemos acompanhar o tremendo o esforço do Velho da Navah para furar a quarentena e trabalhar, afinal de contas, é um exemplo de ser humano digno de nota em nossa trama. Essa figura, que conhecemos desde o primeiro episódio, dono das lojas Navah, que tantas peraltices já aprontou, armou uma verdadeira operação de guerra para oferecer pacotes de arroz, feijão e macarrão em suas prateleiras. Tudo isso a fim de entrar na lista de estabelecimentos abertos como atividades essenciais.

Peço que o leitor comente a piada, pois eu não entendi. Não me causou nenhum riso e eu já estava me esquecendo dela. São tantas piadas como essa protagonizadas por velhos-das-navahs em todo o New Brazil que essa quase passou batida.

A ironia é que o império deste senhor recebeu enormes recursos públicos ainda nos tempos do velho Brasil de Moluskowski e sua turma. Mas isso é outro papo.

Também passaram batidas outras questões importantíssimas, para listar duas, já que se fôssemos listar todas, em vez de uma crônica, publicaríamos uma enciclopédia: a legalização da grilagem de terras protegidas (áreas de preservação e terras indígenas e quilombolas) e a liberação de inomináveis e inúmeros agrotóxicos, proibidos na Coreia do Norte, na China e em Cuba, além de muitos países europeus do lado de lá da Cortina de Ferro, por causarem sérios casos clínicos de câncer. De qualquer jeito, nada disso interessa no New Brazil, o que importa é o programa do Palhaço Bozo.

Então, andemos logo ao que diverte o povo!

Enquanto vamos acompanhando, estarecidos desde o isolamento social ou correndo os riscos inerentes à atividade que envolve os que voltaram ao trabalho por escolha ou por serem escolhidos, o Palhaço Bozo vai aprontando das suas palhaçadas, pintando e bordando.

No final de semana passado, a Rede Goebbels, os canais de youtube e todos os comunicadores do New Brazil novamente transmitiram quadros ao vivo e com interação dos fãs nas ruas do programa do nosso Palhaço preferido. E se por um lado Bozo deu uma segurada na piada, pedindo aos líderes das caravanas que não portassem determinados cartazes, por outro foi filmado com um grupo de paraquedistas em performance grotesca que com toda certeza será reproduzida na *Gambiarra da Destruição*, nosso futuro documentário sobre estes lamentáveis meses.

O Palhaço Bozo também se esqueceu de avisar os participantes que estamos todos – de direita, de esquerda e de centro – em meio a uma pandemia de cronicavírus. E 20 mil mortes depois, ainda indeciso sobre quem será o novo técnico da seleção, escalou o time de acordo com recomendações do seu mestre, o alaranjado imperador *Rambozo, the Original*: “quem é de direita toma água sanitária nas veias, quem é de esquerda toma tubaína e quem é do centro cheira...”, e foi rapidamente interrompido por alguns palhacentristas do *Domingão do Centrão*, que não queriam servir como matéria-prima para a piada da suposta concorrência.

O mais curioso disso tudo, é que ele passou a semana inteira falando sobre injetar água sanitária nas veias para tratar o cronicavírus. Zanzou pra lá e pra cá com vidros inteiros do produto. E a plateia adorou! Riu, adulou, pediu fotos e autógrafos nos *rolês aleatórios* que acontecem toda manhã no estacionamento dos Estúdios Bozo.

Será que Bozo ou algum dos três bozinhos, ou alguém da família está investindo nas fábricas de água sanitária? Será um negócio rachado com o pessoal da Loucademia de Milícia? Um dia saberemos.

Ainda sobre essa péssima piada, levantou-se a bola de que a ‘tubaína’ pudesse compor uma piada mais profunda, que evocasse o mais abjeto obscurantismo. Mas apesar da verossimilhança – e isso passou por diversas *agências de checagem de notícias* – comprovou-se que não há registros do uso da gíria. Confesso que de primeira eu acreditei no boato, e apesar do Palhaço Bozo não ter esse refinamento todo, um dos três bozinhos poderia ter sugerido aos roteiristas. Disso é feito o New Brazil!

Logo em seguida da piada horrorosa da tubaína ser tolhida pelos palha-centristas, Bozo ignorou diante da audiência as ordens de Rambozo de que nenhum súdito do New Brazil poderia adentrar a Terra da Liberdade. Não ensaiou nenhum gracejo a respeito do assunto. Em compensação, foi a vez da charmosa Namoradinha de Auschwitz ser alvo das piadas do Palhaço Bozo.

No meio daquela semana a nossa namoradinha apareceu em um quadro do programa, junto do Palhaço, que lhe entregou o novo papel de *jardineira de cemitério* diante do público. Justo ela que andava tão leve, fugindo de cemitérios, agora cuidará de um. É o fino da ironia do Palhaço Bozo.

Com o cinema nacional parado, resta à nossa Namoradinha de Auschwitz fazer o que lhe cabe como colaboradora do programa: abrir um lindo sorriso e dar à Cinemateca Nacional, transformada em cemitério pelas piadas bozísticas, o mesmo formidável destino que levou o Museu Nacional do antigo Brasil às vésperas da ascensão do New Brazil. No melhor estilo Bastardos Inglórios ao contrário, o prédio concentra muitas películas de filmes antigos, além de indispor de recursos para manter os serviços de manutenção necessários. Não será um trabalho tão difícil para a nossa musa maravilhosa.

Ela promete iluminar a cultura nacional! E com inspiração europeia: “vejam só que chique o estilo alemão da década de 1930. É lindo, gente!”

E para finalizar os melhores momentos da semana no programa do Palhaço Bozo, já podemos ver os corredores da Loucademia de Mílca agitados com as novas notícias. Lembram da fita? Parece que será liberada. Ainda não foi, até o fechamento desta crônica, mas ao que tudo indica na semana que vem já estaremos falando dela. Assim como do celular que o Palhaço Bozo usa para se comunicar com a Loucademia de Mílca, os generais roteiristas e toda sorte de seres da lata de lixo da história que de alguma forma escrevem a história oficial do New Brazil.

Quantas piadas não estarão à disposição nesse conteúdo? Fica pra próxima. Se houver, já que o mais estridente dos generais roteiristas do programa do Palhaço Bozo, aquele que é sócio do Vasco da Gama, prometeu ‘consequências imprevisíveis’ para o decorrer do programa, caso determinados detalhes internos da produção fossem revelados ao público, facilitando a ascensão de palhaçadas da concorrência.

Pra frente Brazil: estamos em terceiro! ⁴

Enquanto danos irreversíveis nas mentes dos súditos do New Brazil vão sendo produzidos simultaneamente pela pandemia de cronicavírus, pelo Programa do Palhaço Bozo e tantas outras coisas que importam menos, pelo menos uma boa notícia já temos: estamos em terceiro no mundial!

Mesmo sem um novo treinador ser anunciado pelo Palhaço Bozo e com tanta auto-sabotagem referente à subnotificação e na resistência em relação ao uso da água sanitária injetável, o New Brazil superou três rivais de peso na última semana. Deixou pra trás a Itália e a Espanha que nas primeiras rodadas ainda eram as favoritas, e o Reino Unido que mesmo jogando um cronicavírus horrível, como de praxe, consegue se manter entre os cinco primeiros da tabela desde a queda das favoritas China e Irã.

4 Os dados de contaminação foram checados no site World Do Meters em 22 de maio de 2020 às 15h: worldometers.info/coronavirus

Com as 20 mil mortes que temos, contra 3 mil da segunda colocada Rússia, temos jogado com mais vontade que os próximos rivais. E nos faltam míseros 12 mil casos registrados de cronicavírus para ultrapassar os ursos soviéticos ainda nesta semana que já começa prometendo agitar o reich colonial.

Mas apesar dos nossos esforços, a Terra Liberdade, do imperador Rambozo e líder do campeonato, está muitos pontos na frente. Mais de um milhão e trezentos mil casos registrados a mais, e cinco vezes o número de mortes que temos, assim como uma taxa de 17 mil novos casos registrados por dia contra 4 mil nossos.

Salve a nossa seleção, que está fazendo de tudo para nos trazer mais esse caneco, mas a diferença para a metrópole ainda é enorme. Precisamos que o Palhaço Bozo encontre logo um treinador a altura desse grande desafio de seguir o líder e trazer a nossa sexta estrela na camiseta amarela.

Enquanto isso, o New Brazil vai produzindo mais piadas, episódios tragicômicos e palhaçadas do que podemos anotar. Já acabaram as folhas do caderno, mas ainda tenho 78 rolos de papel higiênico que sobrevivem desde o primeiro mês de pandemia de cronicavírus. É só tomar cuidado para não molhar.

Segue o líder!

26 de maio de 2020

Mal terminávamos o último episódio na sexta-feira a tarde quando poucas horas depois fogos eram ouvidos na vizinhança. Era gol do Brazil! Virávamos o jogo pra cima dos russos e assumíamos a vice-liderança, mesmo com técnico interino, do mundial de cronicavírus!

Entre as idas e vindas da seleção na vice-liderança, quando em questão de horas a Rússia nos passava e em seguida a passávamos, e assim sucessivamente, conseguimos consolidar entre o sábado e o domingo o segundo lugar como sendo nosso. E na manhã desta segunda-feira, por volta das 10 horas da manhã, já superamos os russos em 12 mil casos; dada nossa taxa de crescimento diário, bem maior que a deles, não haverá mais possibilidade de sermos superados pelos rivais se continuamos na crescente. Neste caso a subnotificação não altera os resultados, pois eles estão com o mesmo problema em grau muito parecido. Segue o líder!

Seguramos a vice-liderança com 365 mil casos totais registrados⁵, os quais aumentam a uma taxa de aproximadamente 18 mil por dia e que já produziu 22 mil e 746 mortes, a uma taxa de pouco menos de mil por dia. Mais uma semana chegaremos à cifra dos 30 mil, meta que tanto gracejou o Palhaço Bozo ao longo das últimas décadas.

E a comemoração veio no domingo. Milhares de súditos do New Brazil saíram às ruas com suas camisetas amarelas, a celebrar o êxito. Em Saint Paul City, houve uma interação tremenda com oficiais da SS particular que batiam continência para a torcida, que, por sua vez, comemorava com cartazes que pediam a cabeça de Johnny Dólar, o palhaço-estadual, teoricamente o chefe desses oficiais, além de bandeirões da franquia ucraniana do programa do Palhaço Rambozo, The Original – o mesmo que no New Brazil é de propriedade do Palhaço Bozo.

5 Os dados de contaminação são do site World Do Meters; checados em 22/05 às 20h, em 24/05 às 15h e novamente em 25/05, antes de finalizar a crônica:
worldometers.info/coronavirus

O engraçado foi a explicação da polícia nas redes, de que, por acaso, a continência que seria para homenagear policiais mortos em um acidente de trânsito no dia anterior teria sido marcada na mesma hora da comemoração da torcida do New Brazil. Se é verdade, nunca saberemos, pois o que não falta no nosso reich tropical é informação desencontrada e autoverdade. De toda forma fica a nota de que os neobrazilians de esquerda jamais viram tamanha demonstração de afeto policial (para)militar acontecer ocasionalmente em suas marchas.

Mas uma ação ‘Daqueles que Torcem Contra’, nas palavras do Palhaço Bozo, digna de nota, ocorreu em Joy Port, a antiga cidade de Porto Alegre renomeada pelos coaches-gurus do New Brazil. Um grupo bastante grande de pessoas vestindo preto, muitas oriundas das antigas torcidas organizadas, foi às ruas e impediu que os súditos bovinizados comemorassem esta triste vice-liderança. Observemos e torçamos para que uma atitude como esta inspire mais pessoas.

Mas esqueçam esses gaúchos amargos que torcem contra! Por um breve momento fui acometido pelo vírus comunista e peço perdão ao leitor por misturar política em um texto técnico-descritivo, daqueles que obedecem aos manuais do bom jornalismo que aprendemos nas universidades. Prometo que seguirei o relato apolítico.

E bem, retomando, e voltando à nossa seleção: com audiência e torcida podemos, e temos de ir juntos, em um só coração. Vamos, milhões em ação, nos unir e pintar todas as nossas máscaras e janelas de verde e amarelo para torcer pela seleção!

Porque a batalha é dura! O líder, a Terra da Liberdade, do alaranjado imperador Rambozo, *the Original*, parece imbatível. O treinador não é português e o centroavante não pinta o cabelo com água sanitária, mas a pontuação da equipe é tremenda. Um milhão e seiscentos mil casos registrados, 23 mil por dia (3,5 a mais que nós) e 100 mil mortes (1200 por dia, contra 950 nossas); são os favoritos.

Será uma disputa e tanto pela liderança desta tabela e sem que o Palhaço Bozo nos traga um novo treinador, de preferência alinhado com seu ambicioso projeto de colocar o New Brazil no topo e trazer a sexta

estrela, será ainda mais difícil. Pode até ser o interino, pois está indo bem e cumpre alguns requisitos. Mas sem que seja efetivado, será muito difícil conseguirmos, apesar dos enormes esforços e talento dos nossos meninos de ouro. Caso a decisão venha logo, Rambozo que se cuide!

Sigamos o líder!

Fita liberada: conheça mais personagens, diretores e roteiristas

No bojo do entusiasmo com a seleção, o programa do Palhaço Bozo realizou uma performance espetacular na noite da última sexta-feira, o que nos fez antecipar a crônica da semana, pois precisamos estar sempre um passo à frente do New Brazil, jamais um passo atrás – caso contrário acabaremos mortos de desgosto e inanição mental antes do tempo.

Vamos ao que interessa: tudo começou com a produção do Domingo do Centrão liberando a tão esperada fita obtida por eles, que vimos nos capítulos anteriores, por indicação do Super-Pato, de reunião da equipe de produção e roteiro do Palhaço Bozo.

Dizia o Super-Pato, quando de sua saída, que essa fita finalmente tiraria o programa do Palhaço Bozo do ar e abriria concursos públicos para um novo show de palhaçadas em cadeia nacional.

Vejamos, então, o conteúdo da tão esperada fita.

Na reunião e ao lado do Palhaço Bozo estavam o Super-Pato, que permaneceu calado quase o tempo todo; o General Eugenia, braço direito de Bozo e personagem que encarna um senhor boa praça, cuja primeira piada ao público levou a expressão ‘branqueamento da raça’, além do Diretor Braguilha Beto, o condutor do debate e um dos principais diretores do programa do Palhaço Bozo, que cuida desde a equipe de roteiristas e filmagens até cenografia, áudio e todas as áreas que permeiam um programa nacional de palhaçadas. Além deles, havia toda uma equipe, que apresentaremos a seguir, a partir justamente dos esforços do Palhaço Bozo e do Diretor Braguilha, que anunciava uma falta de ‘sinergia’ da equipe, seja o que for que ele tenha quisto dizer com isso.

O Palhaço Bozo lançava um olhar de ódio para o além, e dava espasmos de tiques nervosos, imperceptíveis quando devidamente maquiado diante das câmeras, enquanto o Diretor Braguilha anunciava, às graças, o programa New Brazil Pro. Que aparentemente sugere a duração de 10 anos repercutindo as piores piadas do Palhaço Bozo desses tempos de pandemia e cronicavírus. O objetivo seria um previsível reich tropical de mil anos.

E após uma fala com piadas repetidas de Bozo, os diretores do programa, recém-saídos do fundo do esgoto da história, uma terra ainda mais distante do que a lata do lixo da história, foram apresentando-se, um a um, a si mesmos e suas próprias piadas.

O primeiro deles, provando que o ditado estava errado e que há males que vêm para o mal, foi o Diretor Ricardo Males, mais conhecido como ‘o babaca do negacionismo’, pelas traquinagens de contrariar a ciência e defender que o aquecimento global não existe e que, pasmem, devastar o que sobrou de áreas naturais é, não apenas inofensivo, como engrandecedor. Um pestinha!

Eis outro exemplo da lógica alucinada deste reich em desenvolvimento chamado New Brazil. Resumindo sua esquete, Males falou rapidamente em satirizar o concorrente/cooperativo Domingão do Centrão, e disse que o programa deveria aproveitar o excesso de humor em torno da pandemia do novo cronicavírus para aprovar alguns roteiros que ironizassem indígenas, camponeses, a fauna e a flora deste pedaço de continente que hoje se chama New Brazil. Até que acabou cortado pela PF (veja bem, não estou falando da Polícia Federal, quem cortou a transmissão foi um Prato Feito) por satirizar de forma vulgar um país vizinho.

‘*La garantía soy yo*, não vão tirar meu programa do ar por filigranas’, bradou o Palhaço Bozo, seguido de urras e gargalhadas dos outros presentes, logo da volta da interrupção. “Tenho amor por esse programa e podem me envenenar por isso”, gracejou, antes de lançar a seguinte piada, interrompida por outro corte dos Pratos Feitos, que precisaram contratar uns estagiários com habilidades em pacote-adobe.

“Quem nunca ficou atrás da porta escutando as conversas dos filhos? Depois que engravidou ou que encheu os córneos de drogas, não tem mais o que fazer no tocante a essa ‘*questão*’. Por isso, vou interferir”, gritou o Palhaço Bozo antes que outro diretor engravidasse ou pedisse mais drogas, mostrando toda a preocupação possível para que o programa não saísse do ar. Afinal, os amplos estúdios no centro do país são o sonho de consumo de qualquer programa de palhaçadas que se preze. Mas sem drogas psiquiátricas e bebês mamando, por favor, isso seria muito politicamente correto.

A reunião era interna, e séria, e as piadas completamente involuntárias. Na sequência, o ex-técnico da seleção, aquele que já esquecemos o nome e que substituiu o GPS (lembra dele? Eu não lembrava mais), falou na fita de abril que carregávamos ótimos números no campeonato mundial de cronicavírus e antecipou, dias antes de aparecer demitido, todo o êxito esportivo que agora acompanhamos. Um grande injustiçado em todos os sentidos, sem dúvidas.

Já o representante de um banco-parceiro-público-privado que patrocina o programa, em consonância com o lobby que o Palhaço Bozo ensaia sobre suposta cura do cronicavírus, afirmou: “tomo um litro de água sanitária se preciso for”, e a plateia vibrava!

Logo depois, um outro diretor, que também assume o lento e venenoso personagem de Chancheler Xixi em alguns episódios do programa – e assim o chamaremos, conforme nomeação do próprio Palhaço Bozo – entrou em cena com seus trejeitos, rápidos como um bicho-preguiça, e sua já conhecida falta de medicação psiquiátrica, afirmando a todos que o New Brazil tem a missão de encabeçar a implementação de franquias do programa do Palhaço Rambozo (como a nossa) em outros países. O reich precisa se expandir!

Concordando com ele, a Inominável Diretora da Família e Humanos Direitos surgiu de algum bueiro desesperada com a população de ciganos no New Brazil que só aumenta e ‘torce contra’. De certo um tema que lhe despertou a atenção após viagem à Hungria, onde teve a honra de oferecer um show de standup comedy aos pacatos governantes locais.

Mas antes de voltar ao New Brazil, passou na Ucrânia para trazer sua secretária, a Loira do Banheiro Nazista, que agora acumula sua função na diretoria com o cargo de organizadora e porta-voz da milícia armada dos 299 do New Brazil, que todavia acampa em frente aos Estúdios Bozo, em Brasília DC. Haja tempo!

Mas não é de ciganos que viveram as piadas da nossa Inominável Diretora. Ela ainda elogiou o programa Amazônia Viral, do qual falaremos nas próximas semanas, como um grande sucesso e adiantou uma piada que o Palhaço Bozo poderia fazer ele mesmo, ou delegar a ela em algumas das suas aparições – afinal de contas, os diretores e roteiristas também carregam seus próprios personagens ocasionalmente no programa ao vivo.

Diz a piada que os cristãos são perseguidos em nosso país: “parece que é proibido ser temente a Deus neste país. Voltamos ao império romano”, reclamou, e após um longo standup, teve de ouvir o *Diretor dos Jogos de Azar e Exploração da Prostituição Infantil*, outro nematelminto inominável, pedir a liberação de enormes ‘resorts integrados’, compostos de cassinos, hotéis e bordéis.

Um verdadeiro paraíso para bilionários, esse empreendimento de ‘cassinos y otras cosas’ enfrentou o rechaço da nossa também Inominável Diretora da Família e Humanos Direitos: “Isso é coisa do Diabo!” E aí está apresentado o embate entre sagrado e profano na nascente filosofia política do New Brazil! Celebremos a nova civilização!

E causou muitos risos na audiência de todo o nosso *reich*. Mas logo o diretor preferido do Palhaço Bozo, conhecido como Frankenstein de Wall Street por haver tido incorporadas artificialmente metade das suas peças importadas de Chicago e a outra metade de Santiago, colocou panos quentes na discussão e acalmou nossa Inominável Diretora com promessas de prosperidade e bons quadros de humor.

New Brazil Uber Alles!

E para finalizar as apresentações dos personagens mais caricatos desta maravilhosa reunião, chegou a vez do Diretor Wein Scheisse (que cuida do tocante da ‘cuestão’ educacional do programa do Palhaço Bozo) dar o seu show particular.

“Me ferrei”, começou. “Eu por mim (ênfatisou) colocava todos esses vagabundos na cadeia”, referindo-se a juízes, parlamentares, prefeitos e governadores. Confesso que já vislumbrei semelhante situação, mas em um contexto totalmente diverso, risos internos aqui... de nervoso.

Mas o Diretor Scheisse não parou por aí. Fez um enorme standup apaixonado, uma verdadeira declaração desesperada de amor ao programa do Palhaço Bozo e ao New Brazil. E assim como a Rede Goebbels, os ‘democratas-de-plantão’ e os ‘novos-defensores-da-liberdade’, porém de forma diversa, invocou uma grande união fraterna entre todos nós, em torno do Palhaço Bozo: por piada, reich e família.

“Chega de povos indígenas!”, esbravejou! “Odeio esse negócio de povos indígenas que só traz privilégio e teta! Todos temos que ser neobrazilians, e ponto final! Luto por isso e só me ferro”, discursou, quase chorando com seu forte sotaque mooquense da região da Bavária, ‘meo’!

Não se esqueceu de apresentar estudos do Instituto Realidade Paralela, que dão conta de denunciar esses povos indígenas que tanto nos oprimem. E recebeu afagos do Palhaço Bozo após esse discurso pra lá de militante: “é isso aí! E quem não quiser assim pode sair fora ou esperar sentado na mamadeira, taóquêi?”, e gargalhadas dos fãs.

E nesse misto de ‘chororô’ e ‘mimimi’ – novos verbetes da novilíngua própria do New Brazil – continuou seu show particular, não sem que tenha prometido encerrá-lo, em vão, por diversas vezes.

Nota: um mês após a data da reunião gravada, o Diretor Scheisse sofreu um revés tremendo com o cancelamento de importante Exame Nacional, organizado por ele, contra o qual lutou com cruces e blietzkriegs a fim de evitar o cancelamento por conta da pandemia.

E era tudo tão fácil... bastava a Rede Goebbels elogiar as falas e atitudes desses senhores para que cada um deles fosse devidamente demitido. Mas nem a isso essa corporação colaboracionista se presta a fazer. E vemos aqui e ali o quão sútil é o colaboracionismo arrependido dela.

Ninguém vai pegar o meu telefone no tocante a essa ‘cuestão’

Enquanto isso, o Palhaço Bozo vai jogando no erro dos ‘defensores da democracia’.

Recapitulando: tudo isso que narramos aqui aconteceu ao mesmo tempo: assumimos o segundo lugar do campeonato, a fita da reunião de abril finalmente chegou na Rede Goebbels e o Palhaço Bozo saiu de *rolê aleatório* no estacionamento do Planalto (onde ficam seus estúdios) para comentar o conteúdo da fita. Tudo ao mesmo tempo, confundindo enormemente as ligações entre neurônios que restam em nossas mentes esgotadas.

E já chegou ali no curralzinho, onde conversa com jornalistas ditos soviéticos intimidados pelo enorme rebanho neobrazilian que se forma em torno do líder-palhaço, trajando uma máscara anti-cronicavírus com um desenho da sua própria cara de palhaço. Tirou-a antes de começar a falar, atraindo toda câmara e holofote para a máscara, anunciando que na primeira pergunta fora do contexto da fita, terminaria ‘a brincadeira’.

E aparentemente os jornalistas soviéticos se prestaram a respeitar o conselho e permitiram que o Palhaço Bozo oferecesse quase uma hora de um monólogo de intermináveis piadas repetidas e de mau gosto. Sei que o leitor gostaria de vê-las reproduzidas neste isentíssimo relato jornalístico, mas não é necessário ir a fundo. O importante é entender que ele jogou no erro dos adversários dentro do mercado de programas públicos de palhaçadas.

Defendeu-se do ataque do seu antigo aliado e ex-diretor-personagem Super-Pato, reiterou cada um dos pontos tocados na reunião que descrevemos acima como positivos e mensageiros de novos tempos, repetiu piadas que vimos em capítulos passados, algumas novas e reiterou seu lobby em prol do mercado de água sanitária. Aí tem coisa.

“Ninguém vai pegar meu telefone”, terminou a fala esbravejando contra a decisão de alguns senhores que outrora o apoiaram e que agora têm sido absolutamente ridicularizados pelo programa e sua audiência.

“Meu cheiro é o mesmo de vocês, de cocô. Vamos feder igual. Não tem o que falar, cala a boca, fica quieto”, e gargalhadas soaram.

“Pra que levar o terror ao povo? Todo mundo vai morrer! Água de xuca já salvou soldados porque água sanitária não poderia salvar? Meu telefone não será entregue! Eu só quero que o New Brazil se acerte pra dar alegria pro meu povo”, finalizou.

E por mais absurdo que tudo isso possa parecer, dessa forma ele consegue claramente fidelizar ainda mais sua já fiel e bovinizada audiência. Mantendo o corte de 30% da audiência, nem se preocupa com o Domingo do Centrão da concorrência, ou com os palhaços-sérios da turma do velho Moluskowski, aquela oposição confortável da qual já falamos. Bozo já segura audiência suficiente para manter seu programa no ar. E para entrar em nossos lares sem precisar tocar a campanha.

E é assim que o Palhaço Bozo calcula o prosseguimento do seu lamentável e necessário programa de palhaçadas. Necessário para a liberdade e patrimônio da sua própria família, lamentável para o resto de nós e do mundo. O que faz os números ‘daqueles que torcem contra’ aumentar.

Como será o embate deles com a audiência radicalizada do Palhaço Bozo? Tudo indica que o próximo final de semana promete! Tormentas agitam nossos ares e apontam que não aguardarão o final da pandemia de cronicavírus, mas só o tempo dirá. Vejamos se a tormenta já passou ou se o céu só seguirá cinzento por mais algum tempo no New Brazil.

Isso se o Diretor Braguilha não nos impedir e nossas hemorroidas não forem tocadas.

E eles as querem muito ao que parece.

Aqueles que torcem contra

02 de junho de 2020

Após um breve hiato, nosso conto de fardas retorna para informar que o Palhaço Bozo finalmente conseguiu se aproximar de uma meta que defende, pelo menos, desde os *Abertos 90*, após a *Primeira Era da Locupletação*⁶. É possível que fosse um sonho ainda mais antigo, porém não temos registros disponíveis que comprovem a teoria.

Trata-se da morte de 30 mil pessoas. Simplesmente a morte de 30 mil pessoas. Só isso.

E graças à sua maestria em manobrar a pandemia, nosso mítico palhaço já pode considerar seu sonho realizado. Na noite desta segunda-feira⁷, já chegávamos aos 29 mil e 500 mortos por um misto de pandemia e desgosto. E enquanto o sexto capítulo dessa saga era publicado no jornal, em primeiro de junho, o número mágico já era realidade.

Com certeza nosso palhaço produzirá algum quadro ou esquete para homenagear o feito nos próximos dias, algo que aguardamos ansiosos.

Enquanto isso, no Mundial de Cronicavírus, nós disparamos. O trabalho conjunto do técnico interino com o negacionismo do Palhaço Bozo e seus produtores, roteiristas e personagens coadjuvantes, fez-nos chegar a pouco mais de meio milhão de casos registrados, superando os russos em mais de cem mil casos, pouco mais de uma semana após alcançá-los. Consolidamos a vice-liderança. Salve a seleção.

E mesmo com os nossos milhões em ação, a subnotificação também é forte por aqui, diferente do líder do campeonato, a Terra da Liberdade, onde, segundo a Goebbels News, sobram testes.

6 Salve Inácio Loyola de Brandão; Não Verás País Nenhum.

7 Os dados de contaminação foram checados no site World Do Meters; em 01/06 às 15h: worldometers.info/coronavirus

E com quase dois milhões de casos registrados e 110 mil mortes, os últimos citados lideram com segurança. Mas nós estamos na cola. Podíamos igualar os números hoje mesmo, se dispuséssemos de testes com a fartura que o alaranjado imperador *Rambozo, The Original*, fornece em seus (con)domínios.

Ainda em abril, na famigerada reunião da fita, vimos uma série de manifestações positivas do Frankenstein de Wall Street, um monstro que como vimos foi criado com pedaços provenientes em parte de Chicago, em parte de Santiago, peças produzidas ainda nos anos 70, e que atua no programa do Palhaço Bozo como um personagem que representa banqueiros e grandes players financeiros, reproduzindo seu péssimo humor sobre a meta que estamos a bater.

Ainda na fita, que foi apresentada no último capítulo, o nosso Frankenstein de Wall Street comemorou a morte de idosos, pois tiraria o peso da previdência, além ironizar a vida como um todo, desde a quebra de pequenas empresas, transformando sua própria audiência em subalterna de grandes corporações, até urras sobre a diminuição da parcela da população que seria ‘indesejada mesmo, paciência’, em suas palavras.

Mas voltando ao último domingo, um dia antes da meta de 30 mil mortos ser superada, a audiência bovinizada do Palhaço Bozo tomou a Praça dos Três Estúdios, em Brasília DC, na tarde de domingo, com a mesma falta de medicação psiquiátrica de sempre. Mugiú absurdos quando seu palhaço supremo apareceu montado a cavalo tocando o gado.

Ganhou destaque a milícia dos 299 do *New Brazil*, que ainda sem seu líder, o Sargento Bigode, que segue internado com cronicavírus, está nas ruas sob o comando da *perseguidíssima* Loira do Banheiro Nazista. Caso seja presa como promete a realidade, o grupo passará a se chamar Os 298 do New Brazil no melhor dos casos, no pior, seria autodissolvido.

Pois bem, os futuros 298 do *New Brazil* (ainda 299) empunharam tochas e bandeiras neonazistas ucranianas, no melhor estilo Ku Klux Klan. Tudo normal. Anormal foi em *Saint Paul City*, quando ‘Aqueles que Torcem Contra’ foram pra cima de um súdito do New Brazil que portava semelhante bandeira, repito, neonazista.

Eis a New Freedom de Expressão, como diriam os coaches. É a expressão máxima do colaboracionismo bovino ao reich que se forma. Vindo de cima, é claro.

Sobre este triste domingo em DC, relatou via zap-zap um colega jornalista que teve a infelicidade de ser escolhido pelos *homens-que-controlam-os-meios-de-produção* da firma em que trabalha para filmar tamanha boçalidade: “os caras ficavam colocando as falas da reunião (da famigerada fita) em looping aqui, vibrando com cada palavrão do Palhaço Bozo. Fizeram mesh-up com a música *tropa de elite*. É tudo muito primitivo, parece um bando de homens das cavernas batendo no peito”.

Torcendo contra o New Brazil

Mas enquanto a capital do New Brazil está em polvorosa com os colaboracionistas do regime de palhaçadas tomando as ruas, em outras capitais, os dissidentes da morte, ou ‘*Aqueles que Torcem Contra (ATC)*’ seguiram o exemplo de *Joy Port* que vimos no último capítulo, e fizeram a carreata dar ré em mais duas importantes cidades.

Compostos por torcidas organizadas, trabalhadores cansados de palhaçadas de mau gosto em geral, com destaque para os entregadores de aplicativos e outros *new empreendedores*, além de antigos movimentos sociais e outras organizações, os ATC (Aqueles que Torcem Contra) têm mostrado um caráter bem amplo e diverso, se comparado aos súditos do *New Brazil*, que são geralmente monossilábicos e sempre muito raivosos, vítimas imaginárias que são. Os ATC parecem não compartilhar da mesma filosofia, pelo contrário.

Em Saint Paul City tomaram as pistas da First Avenue (antiga Avenida Paulista) e falaram: aqui não! E ali não. Foi um chuta-bunda de súdito do New Brazil de encher os olhos. Em todos os sentidos. Nas falas, nos cartazes, na força e na vontade.

Uma senhora, portando uma bandeira do New Brazil, uma bandana da Terra da Liberdade, um inofensivo taco de beisebol e uma camiseta com os dizeres ‘fascista é o cu da sua mãe’, ameaçou agredir a multidão

e logo foi acalmada por um companheiro de militância e por ele levada de volta ao rebanho. “Venha tesouro, não se misture com essa gentalha”, afirmou o oficial da SS particular, debaixo do seu acinzentado uniforme, e se recusou a tomar-lhe o taco, mesmo diante de toda sorte de câmeras.

Mais tarde, a linha de frente do *New Brazil* e a contragosto dos seus governadores-palhaços – que agora junto ao Domingão do Centrão estudam como cooptar a revolta Daqueles que Torcem Contra em prol dos seus próprios programas de palhaçadas – entrou em ação. Com seus escudos defendendo os súditos do *New Brazil* e as armas apontadas para Aqueles que Torcem Contra, a gangue paramilitar do Palhaço Bozo mais bem paga do *New Brazil* empregou todas as suas forças, abrindo a via para trios elétricos decorados com a bandeira neonazista ucraniana.

Mas não foi fácil tirar esse pessoal da rua, como fez parecer a pobre descrição deste limitado autor. Fato que fez lembrar que o palhaço Mulusowski tinha razão quando tocou na necessidade de fortalecer o Estado recentemente. Realmente, um programa de palhaçadas liberal não teria lastro sem tamanha linha de frente.

Mas enquanto a turma dele tenta encontrar um meio de cooptar a revolta dos ATC, para posteriormente ‘trair o movimento’ e negociar um lugar de oposição tolerada no próximo regime, como já vimos acontecer (e aqui falo, novamente, do andar de cima, para que não me entendam mal), a linha de frente da militância pró-reich gastava toda a munição contra os ATC. Inclusive houve um momento em que acabaram as balas de borracha e alguns Daqueles que Torcem Contra tiraram uma onda, sentados em uma cadeira.

E assim o *New Brazil* protagonizou a filmagem de mais um clássico do cinema: *The Warriors Antifascistas*. E quem diria: as gangues de rua deram uma lição aos cidadãos de bem. Esperemos os próximos episódios, novamente, se houver...

As conversas e a adesão parecem grandes, torçamos para que essa sublime produção não termine nos cemitérios da Namoradinha de Auschwitz ou pior, se transforme em uma esquete de algum programa de palhaçadas liberal, como já vemos a cooptação ser formada.

Além de Saint Paul City, também o New Rio (ler com o sotaque green-go do Imperador *Rambozo*, *The Original: 'RRRIOU'*) contou com forte presença daqueles que torcem contra. E parece que o *New Brazil* vai deixando de ser uma piada benquista por muita gente.

Mas a carência é grande em todos nós, e com muita facilidade abraçamos e desabraçamos conceitos. Será por nossa inerente recusa ou porque quando nos aparecem brechas, acabamos por gastar recursos, tempo e paciência com baboseiras do tipo ‘somos 70%’, ou ‘precisamos de uma Frente Ampla’? Armadilhas pura e simplesmente? Sempre desconfiamos da linda e maravilhosa união entre todos nós. Há aqueles que só querem um New Brazil para chamar de seu.

As Fábricas de Água Sanitária

Mas não é só de Palhaço Bozo mostrando serviço, papel higiênico e Frankenstein de Wall Street festejando a morte que vivem os Estúdios Bozo. Foi a vez da Loucademia de Milícia quase capotar a veraneio-placa-fria por duas vezes com todos os palhaço-bots dentro. E nessas duas quase capotadas, dois golpes duros na família do Palhaço Bozo e em dois dos hoje três bozinhos crescidos.

O primeiro veio no *Flavuxinho da Rachadinha*. Deu na imprensa soviética que ele teria suas rachadinhas com fabricantes de água sanitária na região da antiga Baixada Fluminense, e vinha expandindo os negócios em todo o reich tropical. Mas ninguém deu muita atenção, afinal, os holofotes andam pelo personagem principal. Nada comprovado – ainda – mas o cheiro podre aumenta no ralo público.

Outra fábrica que vem sendo socializada pelos soviets da imprensa e do poder judiciário é a de notícias falsas do *Carluxinho Feiquenils*. Pobre Carluxinho, pobre Careca da Segunda-Feira-Merda, pobre Loira do Banheiro Nazista. Tão injustiçados com as contas (em redes sociais, não bancárias, infelizmente) encerradas. Verdadeiras vítimas.

“Poxa vida, não se pode mais nem propagar uma *feiquinilzinha* neonazi financiada por gente conhecida em paz! Puta mundo injusto, meu!”, lamentaram os (de)formadores de opinião do New Brazil. Aqueles mesmos, que chegam no celular da sua avó ou daquele seu colega de trabalho.

E quando questionado no rolê aleatório do estacionamento dos Estúdios, o Palhaço Bozo foi ainda mais além. “Tenho as armas da democracia. Os inimigos estão aqui dentro (...) Silêncio é apoio (...) O New Brazil é um só. Peço a deus que elimine a todos”, esbravejou!

“O senhor pediu paz ontem pro juiz?”, perguntou o repórter Karl Jong-Um, da SovietNews.

“Acabou a entrevista”, bradou o Palhaço Bozo e entrou no seu fusquinha oficial com mais 32 palhaços de terno e óculos-escuros, aos mugidos de ‘parabéns presidente’ da plateia.

O urso comunista

E vamos caminhando. Flavuxinho e Carluxinho em apuros, a história promete esbarrar no grande amigo e gerente da família que anda meio sumido de propósito. O Palhaço Bozo começa a se ver (ev)acuado junto com sua audiência bovinizada e a turma dos 299 se tornando 298 com a iminente temporada da Loira do Banheiro Nazista no sistema penitenciário. Eis que nesse momento surge o Urso Comunista.

Em mais uma maravilhosa produção cinematográfica do New Brazil, o filme que começa a ser gravado nesta semana narrará a história de um ‘ursomem’ (espécie de lobisomem) russo-soviético que, após umas férias em Cuba, veio ao New Brazil. E nas noites de lua cheia, sai às ruas marcando, com suas unhas afiadas, o número ‘17’ nas testas daqueles que levantaram o nosso reich tropical de péssimas piadas e agora ensaiam pular fora. A obra provavelmente será nomeada ‘*O Bastardo Inglês do New Brazil*’, e promete bater recordes de bilheteria.

Quem não aguentar as cenas fortes, que beba leite.

Mas não beba muito leite, pode dar diarreia. No meu caso pessoal aqui, acabaram as centenas de rolos de papel higiênico da primeira semana de pandemia. Alguém me passa uma bandeira neonazista ucraniana, por favor?

New Brazil Papers e o relincho do Palhaço Bozo

09 de junho de 2020

Com a meta dos 30 mil deixada pra trás, e ainda recuperando-se da hemorroida perdida, o Palhaço Bozo prometia uma entrada triunfal neste domingo, em Brazilia DC, inovando, após jet ski, cavalo e saveiro, com um helicóptero repleto de palhaços para tocar o gado no show ao vivo. Mas seus planos acabaram frustrados.

Isso porque se na semana passada, a capital do New Brazil ainda não tinha visto Aqueles que Torcem Contra, mas nesse domingo foi a vez de aparecerem também por lá e frustrarem a inserção ao vivo do palhaço presidencial. Em muito maior número, acuaram a audiência bovinizada que aguardava, de pijamas, o show do Palhaço Bozo na Praça dos Três Estúdios.

“Cadê os 299 do New Brazil?”, perguntavam Aqueles que Torcem Contra. “Queremos a Loira do Banheiro Nazista e o Sargento Bigode, mas eles sumiram”. Como também sumiram todos os súditos do New Brazil das principais capitais do novo reich.

Do lado de lá, além de um boneco do Palhaço Bozo pendurado à italiana em uma árvore, também sobrou meia dúzia de súditos, é verdade. Como sempre, se mostravam muito raivosos e amargurados, vítimas imaginárias que são, com suas bandeiras nazistas brasileiras e ucranianas, tentando armar altas confusões para protestar contra o cancelamento da inserção ao vivo dominical do seu programa favorito de palhaçadas.

Em Saint Paul City, rapazotes da cinzenta SS do New Brazil postavam em suas redes antissociais que ‘desceriam cacetada no lombo’ daqueles que torcem contra. Sua atuação ocorreu em três atos. Mas eles não fizeram, e jamais fariam, o que seria o correto em um mundo ideal: pedir demissão, perdão e entregar as armas.

Bem, no primeiro ato dessa militância pró New Brazil, é verdade que conseguiram garantir que os poucos e sem medicação psiquiátrica súditos do novo reich tropical, que insistiram em ir às ruas, ficassem *numa relax, numa tranquila e numa boa* na First Avenue (antiga Avenida Paulista). Isso porque caçaram pessoas de preto ainda de manhã, e até álcool gel, artigo essencial durante a pandemia, foi motivo para tirar essas pessoas de circulação, daquele jeitinho neobrasileiro, ou newbrazilian, que conhecemos.

O segundo ato ocorreu mais tarde. Após uma breve hibernação, durante o período em que Aqueles que Torcem Contra eram maioria, a cinzenta SS do New Brazil despertou e perseguiu uma manifestação imaginária diante das câmeras de um novo canal de televisão, que chamaremos GNN (GoebbelsNeoNews). Sob os comentários de uma liderança do próprio grupo paramilitar ao vivo, que comentava a performance, a milícia oficial se perfilava e mostrava toda sua capacidade de ‘uso forçado do diálogo progressivo’ para a audiência. Quase que uma corrida armamentista particular, como que dizendo que podem explodir o mundo caso contrariados. E é claro, não faltaram elogios amarelados ao palhaço-estadual.

Na falta das palhaçadas do Palhaço Bozo, nada mau para a programação mostrar um pouco da sua base, não é mesmo? Mas a trilha sonora deste espetáculo é que deu o toque genial que os diretores tanto esperavam: tudo isso ocorreu sob um gigantesco painel de rechaço das janelas das casas e apartamentos da região onde filmaram o esquete, o que inferiu uma aura ainda mais épica aos bravos combatentes do nosso reich.

O terceiro ato, bem, já sabemos como foi, pois se repete diariamente. Ao desligarem as câmeras, a SS do New Brazil esteve, novamente de baixo de painéis de rechaço, caçando qualquer coisa que se mexe na rua e que cheire a dissidência. Seja uma garota adolescente com uma camiseta de banda de rock, seja um senhor idoso que passasse por ali sem uma camiseta da seleção. Se a pele for escura então, nem se fala. Uma próatividade desses paramilitares que liberal nenhum pode botar defeito!

“As pessoas nas janelas devem estar muito preocupadas”, comentou o repórter da GNN. Quanta sensibilidade que mostram os nossos deformadores de opinião. Comovam-se, leitores!

Findo o relato desta, é importante lembrarmos que em muitas outras capitais ocorreram manifestações semelhantes. A única em que a repressão dos grupos paramilitares oficiais do New Brazil fugiu desse padrão foi em Fortress City (antiga cidade de Fortaleza), onde a coisa foi ainda mais grave. Um lugar onde logo nos primeiros dias de New Brazil, o mesmo grupo militante se levantou contra uma escavadeira, vale recordar. Beautiful View, Joy Port, Islas Argentinas, New Rio (lembre-se de ler com sotaque green-go), Savior, Big Field e Curitiba Republic também se levantaram.

Campeões morais

E no meio disso tudo, ainda temos a nossa seleção no mundial de cronicavírus. Já somos os campeões morais do torneio.

Deu na Rede Goebbels que era pra multiplicar os números por sete devido à subnotificação. Mas como essa emissora apenas ensaia sua dissidência, multipliquemos por 10. Só nas Islas Argentinas, que costumava lutar contra cerca de 600 casos anuais de síndrome respiratória aguda, em maio já conta com quase 4 mil e o silêncio absoluto dos meios de comunicação regionais⁸, que preferem mostrar festas juninas de políticos com duplas sertanejas. Imagine em capitais maiores e mais populosas como a coisa não anda.

E enquanto nenhum especialista está topando o cargo de técnico da seleção do New Brazil, vamos disparando rumo à liderança, contra tudo e todos. Os nossos 700 mil casos registrados⁹ podem muito bem estar na cifra dos 7 milhões (em ação?), assim como nossas quase 40 mil mortes

8 Os dados sobre síndrome respiratória aguda em Florianópolis podem ser achados nos seguintes estudos:

2019: dive.sc.gov.br/index.php/arquivo-noticias/889-informe-epidemiologico-n-09-2019-vigilancia-da-influenza-atualizado-em-07-de-junho-de-2019

2020: dive.sc.gov.br/index.php/arquivo-noticias/1181-informe-epidemiologico-n-12-2020-vigilancia-da-influenza-atualizado-em-01-de-junho-de-2020%22

9 Os dados de contaminação foram checados no site World Do Meters; checados em 08/06 às 12h: worldometers.info/coronavirus

podem ser muito mais. O Imperador Rambozo, com todos os seus testes disponíveis, conta com apenas 2 milhões de casos e 112 mil mortos. Somos os campeões morais! Não precisa nem começar a fase de mata-mata do mundial para que pintemos as ruas. Salve a seleção!

E por falar no alaranjado Imperador Rambozo, *The Original*, foi a vez de a matriz fazer sua piada com a cópia da franquía tropical. Vendendo como joga bonito a nossa seleção, o rechonchudo imperador não hesitou em ironizar o rival. Mas não adianta, Rambozo, ninguém segura o New Brazil! Nem o senhor.

New Brazil Papers e o relincho do Palhaço Bozo

E foi justamente o alaranjado Imperador Rambozo, *The Original*, quem de certa maneira ‘originou’ as primeiras manchetes da semana sobre o New Brazil Papers, ao oferecer em seu show green-go, ainda na segunda-feira, a piada de péssimo gosto que diz que os ATC (Aqueles que Torcem Contra) de todo o mundo deveriam ser considerados terroristas.

Não demorou muito para que o Carequinha do ABC, um grotesco personagem oriundo de agrupamentos e gangues de rua que começaram o projeto do reich tropical, fizesse sua própria inserção humorística em vídeo, mostrando uma lista que continha os dados de diversos simpatizantes dos ATC, prometendo entregá-la aos grupos paramilitares oficiais.

E a partir daí foi um tal vaza-dados do Palhaço Bozo e seus três bozinhos de um lado, piadas ameaçadoras do outro e, no meio disso, as pessoas que foram pegas de surpresa. Em seguida, vazaram o próprio Carequinha do ABC; o Diretor Scheisse, que depunha na PF (Pratos Feitos, é isso que significa PF, não esqueçam) e ao sair fez saudações ao New Brazil; além da nossa Inominável Palhaça da Família e Humanos Direitos.

E a guerra de dados não parou por aí. Acuado com os ATC nas ruas, o Palhaço Bozo prometeu acabar com a contagem e retirar a seleção do mundial de cronicavírus. Questionado, ironizou: “acabou a matéria da Goebbels News?”. Mas o canal se reinventa com facilidade, temos que admitir. Como se reinventam os súditos do reich tropical em seu apoio cego.

E bem, se somarmos esses vazamentos da semana, com os do Hacker de Laranjaquara (antiga Araraquara) sobre o Super-Pato e as investigações sobre as fábricas de água sanitária de Carluxinho Feiquenils e Flavuxinho da Rachadinha, suas ligações com a Loucademia de Milícia, e os financiamentos a pessoas como o Careca da Segunda-Merda e a Loira do Banheiro Nazista, temos o New Brazil Papers. Obrigado hackers!

Há um personagem que anda sumido mas deve ganhar destaque nas próximas semanas dentro do contexto do New Brazil Papers: o Gerente Laranja. Onde estará?

Sobrou até para o principal roteirista desse maldito programa de palhaçadas, o astrólogo e terraplanista Otário do Caralho. Que do alto do seu caralho – e aqui me refiro, figurativamente, às torres de observação das antigas naus portuguesas – em algum lugar da Terra da Liberdade, ameaçava abandonar o home office. Mas após uma injeção de financiamentos privados, ele já declarou que fica.

E sim, o primeiro ‘Stay Day’ do New Brazil caiu numa segunda-feira.

Johnny Dólar é marcado pelo ursomen soviético

Para finalizarmos o resumo da semana no nosso reich tropical, registramos o primeiro ataque do nosso ‘Ursomen Soviético’.

Foi o palhaço-estadual de Saint Paul, Johnny Dólar, a primeira vítima a amanhecer com o número ‘17’ escarificado na testa. Ao lado de seu leito, um bilhete, que dizia o seguinte:

“O senhor achava que depois disso tudo, viveria numa boa, na sua mansão nos Gardens e continuar armando suas palhaçadas? Não, não, não. As pessoas precisam saber quem você é”.

E não havia bandeiras nazis ucranianas suficientes para limpar as consequências.

Dez dias que não abalaram o New Brazil

18 de junho de 2020

Soam as sirenes no New Brazil! Reluzem os giroflex do reich tropical! Os grupos de fake news avisaram que era pra correr. E as pessoas olham para o alto procurando o sinal sem nada encontrar. Sem saber por quê, poucas miram adiante, na direção onde talvez possam enxergar alguma coisa¹⁰.

E não é por causa dos mais de 900 mil casos de cronicavírus registrados na noite da última terça-presença (16), a mesma em que registramos 1500 mortos no dia. Nem mesmo dos totais 45 mil mortos pela mesma pandemia, a grande maioria pobres trabalhadores indesejados. Nada disso importa mais no New Brazil! Só importa mesmo ao Frankenstein de Wall Street, que já festeja a queima de capitais junto do Palhaço Bozo.

Tampouco são os fogos de comemoração, por atingirmos a metade dos pontos da Terra da Liberdade, seguindo o líder como nunca, e apesar da subnotificação, no mundial da categoria. A taxa de 15 mil novos infectados por dia nos levará ao Hexa! Mas não! Não é por nada disso.

E por falar na seleção, ela vai tão bem na mão do interino, que o Palhaço Bozo sequer se preocupou em anunciar sua efetivação ou um outro treinador. Preferiu reabrir um velho quadro humorístico e nomeou o genro de um dos seus principais doadores como o palhaço da vez.

Não foi por nada disso que o alarme soou. Foi por puro e simples horror. O terror gerado pelo medo do fim do sonho do reich tropical. E nesta semana, tudo começou com uma estátua. Sim, uma estátua.

Lá no domingo retrasado, derrubaram uma estátua numa longínqua terra. A cerca de duas horas de ônibus da província de Londres, da enorme república da Oceania¹¹, *Those Who Cheer Against* (Aqueles

10 Inocentes – Pânico em SP

11 Referência ao 1984, do George Orwell. É exatamente este o mundo em que se situa o New Brazil. Alguns anos depois do Não Verás País Nenhum, de Inácio Loyola de Brandão, e um pouco antes da destruição total do planeta Terra. É uma história dentro de algumas histórias.

que Torcem Contra, no idioma local, em tradução exclusiva do Eduxi-nho Embaixador direto para nosso relato), derrubaram a estátua de uma figura histórica local, conhecida por haver enriquecido a partir da insuspeita atividade de comercializar escravos. Pois é. Derrubada, a estátua foi rolada pelas ruas, até ser jogada em um rio.

E como não poderia deixar de ser, *zé povinho* que somos, a notícia correu o New Brazil. Acertadamente, Aqueles que Torcem Contra apontavam que em nosso reich tropical sobram estátuas semelhantes, de escravocratas, genocidas, torturadores e todo tipo de mito fundador que mereça tal atenção.

Por outro lado, como mandam os bons manuais de jornalismo, os rai-vosos súditos do New Brazil ficaram paralisados e em movimento. Ao mesmo tempo que não sabiam o que dizer, apenas grunhiam.

O mau comportamento das cidades em silenciamento¹²

E bastou uma breve guerra narrativa nas redes antissociais para que as autoridades do New Brazil enviassem tropas. Não para distribuir cestas básicas aos doentes e seus familiares, não para levantar mais hospitais de campanha e jamais para contrariar o alaranjado Rambozo e exigir testes, equipamentos e o que mais fosse necessário internacionalmente para combater uma grave pandemia da qual o New Brazil está se tornando o maior expoente mundial.

Nunca!

As ilustradíssimas autoridades do New Brazil, incluindo os palhaços-estaduais marcados pelo nosso ‘ursomem’, colocaram suas tropas nas ruas para proteger as estátuas desses tristes senhores neobrazilians. E diante desses monumentos à barbárie, os milicianos do nazismo tropical mostraram suas caras feias e olhares rai-vosos a quem passasse por ali.

12 [A Ferramenta – Estátua \(youtube.com/watch?v=gtMttLnw8Ko\)](https://www.youtube.com/watch?v=gtMttLnw8Ko) – Sementes 2016. Mais adiante, a referência é aos [Monumentos à Barbárie \(desacatocivil.bandcamp.com/album/monumentos-da-barb-rie\)](http://desacatocivil.bandcamp.com/album/monumentos-da-barb-rie), da banda Desacato Civil.

Mas além disso, e sob comando direto do Palhaço Bozo, as SSs estaduais apontaram suas armas e botas para os bairros onde vivem a maioria Daqueles que Torcem Contra. E nas últimas semanas, foram centenas de vídeos, fotos e relatos de torturas, espancamentos, assassinatos e muitos outros crimes cometidos pela linha de frente do New Brazil. Afinal, é pra isso que servem. E tem inocente por aí acreditando em SS antifascista. É uma piada que nem essas crônicas sem-vergonha conseguiriam reproduzir, mas que o programa do Palhaço Bozo adora. “Baita oportunidade de *rebranding*”, diriam os gurus do marketing digital.

E bem, todos já sabemos porque o novo regime não tomou o mesmo cuidado que teve com as estátuas, com algumas instituições de saúde, como por exemplo hospitais de referência para o tratamento do novo cronicavírus. Como veremos a seguir, fãs do Palhaço Bozo escolheram um local desses, entre não muitos que existem por aí, para suas lives particulares. O show foi no New Rio, nossa Wonderful Town.

Mas é claro que as fariam por ali, afinal de contas que outros usos poderiam ter estes inchados edifícios públicos? Tais instituições se tornaram inúteis e obsoletas no New Brazil, como nos mostra a realidade, uma vez que descobrimos a cura por meio de um recado direto de Nosso Senhor Jesus Cristo a uma fã aleatória do Palhaço Bozo. Disse o filho de Deus a ela, com exclusividade, que podemos curar o novo cronicavírus mascando alho.

Pra quê medicina, OSS, ciência, pesquisa e debates ligados à área médica se temos uma tia aleatória que conversa diariamente com o aléssimo e nos conta tudo no programa do Palhaço Bozo?

Inclusive, é a partir de recomendação dessa senhora que no importantíssimo jogo entre Flamengo x Bangu, no New Maraca, nesta quinta, haverá distribuição de cabeças de alho nos portões da arena (ler ‘ar-rina’, com o ‘R’ green-go) e em todo o bairro da New Tijooça. Os Jogos Olímpicos foram cancelados, mas o mundo não pode ficar sem esse jogoço da Taça New Rio.

New Brazil Papers e o cerco

Neste hiato de dez dias entre este e o último capítulo, o cerco ao programa do Palhaço Bozo se acirrou. E sobrou para os 299 do New Brazil, que recentemente perderam a Loira do Banheiro Nazista e acabaram tornando-se *Os Meia Dúzia do New Brazil* (6NB).

Mas antes disso, tiveram seu pedido de intervenção militar atendido pelo governo local de Brasília DC. E sob uma chuva de chororôs e mimimis – como costumam dizer os próprios – tiveram o seu acampamento removido. Logo em seguida, diversas figuras receberam PFs em casa, pratos feitos diretamente entregues pelos aplicativos da startup de entregas do Final Boss, detentor de um dos estúdios da Praça dos Três Estúdios (recapitulando, os outros são: Estúdios Bozo e Domingão do Centrão). E só depois disso tudo foi que a Loira do Banheiro Nazista saiu de cena, e se juntou ao Sargento Bigode na lata do lixo da história. Mas diferente do sargento, ela não contraiu o novo cronicavírus. Ainda.

Acontece que após muito pedir, ela acabou sendo presa pelo Final Boss deste maravilhoso game da vida real de um mundo paralelo, que é o New Brazil. Nossa lenda urbana mais retardada fez de tudo: xingou, chamou pra porrada, soltou fogos de artifício na frente dos Estúdios Final Boss, contou pra imprensa soviética (o que no velho Brasil costumávamos chamar de ‘caô’) que estava armada, além de fake news e ameaças digitais aos borbotões.

Foi uma rinha e tanto!

E agora resta a nossa Loira do Banheiro Nazista evitar seu desaparecimento jogando na posição de vítima imaginária do sistema e voltar com maestria daqui 10 anos pleiteando um carguinho municipal de um virtual e futuro Domingão do Centrão, debaixo de discursos arrependidos e muitos holofotes da imprensa dita soviética. ‘Moderação ou morte’, dirá o contrato de trabalho da nossa futura Loira do Banheiro Dissimulada.

Quem se incomodou com o triste fim da porta-voz dos 299 do New Brazil foi justamente a Inominável Palhaça da Família e Humanos Direitos, que então perderia – e acabou perdendo – uma importante assessora.

E fica mais exposto ainda de onde vinha o dinheiro que mantinha as contas de nossa personagem enquanto brincava de ser lenda urbana escolar em Brasília DC. Que linda a dimensão lúdica do New Brazil!

Mas nossa Inominável Palhaça ficou tão revoltada, mas tão revoltada, que subiu na maldita goiabeira para planejar sua vingança, porém dessa vez não conseguiu encontrar Jesus. Ele estava conversando naquele momento com a tia do alho, e reproduziu aquela mania chatíssima de onipotência seletiva. E sem um guia que a acalmasse, a Inominável Palhaça resolveu canetar pela extinção de 275 processos, anulados na sexta (12) e publicados na segunda seguinte (15), que buscavam reconhecer vítimas da Era da Locupletação¹³ que começou em 1964 e não se sabe ao certo quando terminou. Há quem diga que nunca, mas o importante é sabermos que é esse o período que pariu o nosso Palhaço Bozo.

Não foi a única estripulia da Inominável Palhaça como birra pela perda da Loira do Banheiro Nazista, mas foi a mais significativa. Enquanto isso, o Diretor Scheisse caía no New Brazil Papers. E com o Palhaço Bozo reclamando da PF (“pratos feitos, porra!”), foi a vez dele, Scheisse, tentar intervir onde mais se incomodava: no que sobrou das universidades do velho Brasil. Ele pretende transformar todas em Igrejas, plantações de soja ou centros de treinamentos de coaches, como retaliação por ter seu nome no New Brazil Papers.

E deu errado, como pudemos ver, nos mais diversos chilikues das inserções semanais do seu quadro de humor nas redes goebbels espalhadas por todo o New Brazil. E agora, com o Final Boss na cola e a bunda suja, o Diretor Scheisse pode até perder a cabeça, digamos, de uma forma figurada. Ou seja, é entrar no fusquinha com outros 43 palhaços nazistas que o acompanham e voltar para a dimensão paralela de onde veio.

Mas, infelizmente, o mais provável é que caia pra cima. Jornalistas soviéticos apuraram que o Diretor Scheisse poderá se abrigar em algum carguinho do outro lado da Linha do Equador, evitando assim tamanho infortúnio.

E não foram apenas esses os personagens atingidos nesses *dez dias que ainda não abalaram o New Brazil*. O New Brazil Papers chegou a diversos militantes pró-New Brazil e dão a impressão que em breve devem

13 Inácio Loyola Brandão, Não Verás País Nenhum.

chegar à família do nosso Palhaço Bozo, que teme pela sorte dos três bozinhos, donos das Fábricas de Água Sanitária. Quem começa a entrar na investigação é a loiríssima Lady Boza, a ex que mantém poses de atual, do famigerado palhaço. Dizem que o Gerente Laranja ainda deposita algum trocado pra ela. Nada demais, afinal, o que ela poderia fazer?

Rodízio de protesto em Saint Paul City

No último domingo, e em números cada vez mais maiores, afinal, muitos estão obrigados a trabalhar para os necroburgueses do New Brazil e já não lhes importa ficar de quarentena no domingo se já estão de baixo de açoite de segunda a sábado, Aqueles que Torcem Contra voltaram a tomar as ruas de todo o reich tropical. Voltaram a exigir o fim do programa do Palhaço Bozo e de outras tristes palhaçadas nazistas.

E novamente, com muita força, tomaram as ruas de todas as cidades do reich tropical. De Joy Port a Fortress Town, de Brazilia DC a Saint Paul City. Os súditos do New Brazil que compõem a audiência boviniizada do Palhaço Bozo ficaram em casa. Apenas meia dúzia foram às ruas. Entre eles três adolescentes que vestiam suásticas e acabaram protegidos pela cinzenta SS paulistaner.

Também foram bem tratados pelo portal da Rede Goebbels, que outrora divulgava até CPF e endereço daqueles que torcem contra, hoje escondeu os rostinhos nazistinhas do público. Um bom filhote da ditadura à casa torna. E que lindinhos os fãs de Burzum. Juan Brujo mandou um abraço¹⁴.

14 Agora a referência é da cena do metal e envolve duas subcenas: grindcore e blackmetal. O Grindcore tem uma origem mais próxima da esquerda e do antifa, enquanto no Black Metal existe a disputa. Até hoje, muitas bandas Black Metal, como a [Necrogosto](https://necrogosto.bandcamp.com/track/crush-salomon-s-temple) <https://necrogosto.bandcamp.com/track/crush-salomon-s-temple> que tem uma música chamada *Crush Salomons Temple*, sobre a IURD, se posicionam dentro do seu âmbito contra o crescimento de bandas neonazis e seus fãs, como os famigerados adolescentes filmados em Saint Paul City no último domingo a que nos referimos. Juan Brujo é vocalista da banda Brujeria, famosa por diversas razões, entre elas por se posicionar contra o racismo presente nos EUA.

Mas não adiantou nem o ‘Rodízio de Protestos’ promovido pela oligarquia paulistana – aquela que quando Johnny Dólar decretou feriados por conta da pandemia foi injustamente expulsa dos “seus litorais”, como reclamaram em vídeos raivosos, bem como impedidos de entrar nas Islas Argentinas, pobres vítimas que são esses sofridos empreendedores que falam com o queixo preso.

“Faz um rodízio, meo”, disseram.

“Não haverá rodízio”, responderam os que torcem contra.

E novamente tivemos uma segunda-feira sem qualquer repercussão das maluquices da audiência bovinizada em nossos celulares e computadores. Que alívio!

Desesperado, o Palhaço Bozo relinchou mais uma vez. Na sexta anterior a mais essa tomada das ruas, e dias depois de manipular dados sobre o novo cronicavírus, o Palhaço Bozo pediu a sua audiência que gravasse esquetes de humor para seu programa nos hospitais e não bastou um dia para começarem os ataques.

A fila indiana, super-ordeira, composta por senhoras e senhores de bem, ao ritmo de uma marchinha de carnaval, contrastou com a quebra de equipamentos médicos e perturbação de doentes. Mas até essas manifestações e outras que têm feito o Palhaço e sua audiência estão indo parar no New Brazil Papers.

Será o começo do fim? Provavelmente não. Mas aguardemos os próximos episódios.

Nota de rodapé:

Amazônia Viral e mais ataques do ursomem soviético

Como mandam os manuais do bom jornalismo que aprendemos nas universidades e nos veículos de comunicação ilustrados, os mesmos que hoje posam de boa gente mas que desde sempre trabalham em prol da anomia neobrazilian, camuflados em uma capa de falsa moderação e sensatez, dedicaremos uma pequena nota ao final desta crônica ao programa Amazônia Viral e aos novos ataques do ursomem soviético.

Começemos pela Amazônia Viral: o programa da nossa Inominável Palhaça da Família e Humanos Direitos teve enorme sucesso em sua missão quase evangelizadora de levar o novo cronicavírus para as tribos mais afastadas do que sobrou da região amazônica. Afinal de contas, as maravilhas da civilização devem ser democratizadas, não é mesmo?

Pipocam reportagens, notícias, pesquisas e denúncias de contaminação exponencial dos povos indígenas de todo o país, em especial os amazônicos, ao passo que o desmatamento e a devastação ambiental avançam ao lado da grilagem ilegal e das milícias de fazendeiros.

E se todas as escrituras de terras do New Brazil estiverem corretas, o reich tropical possuiria um território duas vezes maior que o da antiga União Soviética. Mas nesse assunto não se toca! Respeitemos os manuais e paremos por aqui, afinal, não somos terroristas. Ainda...

Por sua vez, o Ursomem Soviético saiu marcando o número 17 nas testas de diversas pessoas. Desde acomodados ex-roteiristas do programa, até palhaços-estaduais, como o de Saint Paul e o do New Rio. Mas dessa vez tivemos duas personagens que merecem destaque. A primeira delas, é uma das apresentadoras do programa Dead Plain (Planície Morta, na língua dos coaches).

Na gaze que o próprio Ursomem lhe deixou como curativo, veio escrito: “A senhora precisa ser lembrada como alguém que ajudou o Palhaço Bozo a chegar onde chegou, mesmo que não entenda direito”. E além dela, também foi marcado um desses contadores formados na Terra

da Liberdade, na cidade que nós, que torcemos contra, conhecemos como a dos mártires do primeiro de maio. Neste segundo caso, o bilhete dizia: “Esse senhor acabou de ser demitido da diretoria do programa do Palhaço Bozo e alguns democratas-de-plantão do Instituto Mises já abanam seus rabinhos. Não pude me conter. Assinado: Ursomem”.

E enquanto vamos, em parte trancados em casa, e em parte ainda maior obrigados a trabalhar pelos necroburgueses vitimizados do New Brazil, acabamos tendo de assistir a tudo isso. E agora nos olhamos, como quem realmente não aguenta mais, e, apesar de termos nos acostumado, a vontade é de juntos enviar o New Brazil e seu Palhaço às favas. Vontade não falta.

Nossa força de vontade contrasta com o vitimismo e o mimimi (repi-to, como eles próprios definiram em sua novilíngua) dos necroburgueses, que dizem que “é muito difícil ser empreendedor nesse país”, como reclamou um certo paulistaner nas redes antissociais. Ele é CEO de uma empresa que não produz nada: nem tecnologia, nem transporte, nem comida, mas explora todas as três em nome do dinheiro mais fácil e do crime mais perfeito que se tem notícia. Mas os entregadores também torcem contra e estão conosco. Prometem uma greve que vai matar muito necroburguês vagabundo que não sabe fritar um ovo de fome!

Domingão tem mais. Comprem algum papel higiênico, pois os fãs do Palhaço Bozo e súditos do New Brazil devem esgotá-los até a próxima sextada (SIC).

Vítimas imaginárias

27 de junho de 2020

Ele foi acordado na madrugada da terça para a quarta (18 de junho), da semana passada, pelo centro de comando.

“Meu caro, me desculpe acordá-lo a esta hora”, disse o plantonista, “mas precisamos de você agora mesmo”.

Sem pestanejar, levantou e rapidamente vestiu a farda, os apetrechos militares necessários e subiu no celtinha próprio até a delegacia. Mal tinha dormido duas horas.

Chegando na delega, logo entrou em uma das veraneios selecionadas para a operação. O sono da noite mal dormida se sobrepôs à curiosidade e nem ele, nem nenhum dos seus companheiros perguntaram a qualquer um dos superiores responsáveis de que se tratava o chamado. Apenas seguiram. Automaticamente.

Era operação grande e, por osmose, montaram as submetralhadoras e vestiram os coletes antes de engolir aquele caldo de açúcar quente que chamam de café. “Com certeza a tia da copa é amiga da mãe do delegado, não é possível”, reclamava em pensamento o impaciente policial. Mas o clima era pesado, a operação era grande, e enquanto os últimos colegas entravam nas veraneios, ele começou a se perguntar de que se tratava.

Alguns veículos da Rede Goebbels e de outros meios estavam estacionados na porta da delegacia. Não estavam lá às dez e meia da noite, poucas horas antes, quando deixara o dia de trabalho anterior. Os chefes, na correria, não ofereciam abertura para a pergunta. Era rádio, celular e gente ocupando-os, tudo ao mesmo tempo.

Mas a cidade é pequena e logo chegaram a uma casa, não muito distante do centro. Bateram à porta e nada. Bateram de novo, e nada. Bateram outra vez e esperaram em silêncio. Nada. E nessas horas, nosso agente pensava na sonhada transferência para a capital.

Estava perdido dentro de si, pensando em um apartamento em Saint Paul City, talvez no bairro de Pines (antiga Pinheiros). Sua esposa adoraria viver ali, ela não aguentava mais a pacata vida nas montanhas, queria frequentar smart academias e fast hamburguerias (as antigas lanchonetes e ginásios, na novilíngua neobrazilian) dignas de uma capital. E enquanto perdia-se nos devaneios gerados por toda a confusão mental da falta de sono e da madrugada inusitada, mal se deu conta quando o Doutor deu a ordem para derrubar a porta.

Levantou a arma na altura do rosto, como vemos nos filmes policiais, e, cambaleando, entrou com seus colegas na casa. O lugar parecia vazio.

Nenhum barulho até que adentraram o corredor. Um colega fez o sinal com a mão esquerda para que parassem e escutassem. Um ronco. E foram na direção.

Ao entrarem no quarto, não podiam acreditar naquilo que viam. Era ele, o Gerente Laranja, que há muito não era avistado, e que ajudava a administrar da Fábrica de Água Sanitária do Flavuxinho da Rachadinha, entre outros negócios da família, como nos denunciou a exposição do New Brazil Papers.

E infelizmente tiveram de levá-lo. E ele, o policial que *stalkeamos* nesta obra de ficção, não acreditava no que estava fazendo. Um misto de ódio e rancor lhe tomavam de assalto. A expressão de decepção estampada contrastava com a conduta obediente em serviço.

“Se eu soubesse que seria ele, teria dado um jeito de avisar alguém, ou, no mínimo de arrumar um atestado”, pensou, com raiva de si próprio. Fora enganado!

O Gerente Laranja

O leitor deve estar se perguntando por que tanta alusão à cor laranja nestas crônicas. Respondo: mera coincidência. No caso do alaranjado imperador Rambozo, *The Original*, ele é realmente um palhaço de tons laranjas. A cidade de Laranjaquara, hoje conhecida como a terra dos hackers, um dia foi uma grande produtora de laranjas. Já o New Brazil, em sua ascensão, adotou a cor justamente por conta do Gerente Laranja, que tantos serviços prestou ao longo das últimas décadas, e, posteriormente influenciou alguns termos da novílingua neobrazilian, bem como renomeações de cidades, como por exemplo a Laranjaquara dos hakcers e a cidade na qual, coincidentemente acharam o Gerente, Laranjaia, como veremos a seguir.

Voltando aos fatos: tudo isso acontecia enquanto muitos de nós ainda acordávamos para trabalhar. Alguns outros só foram ver as notícias lá pelas oito da manhã, mas a maioria, aqueles que despertam na madrugada e enfrentam perigos mortais como as milícias paramilitares do New Brazil e a pandemia de cronicavírus, em busca do seu ganha-pão, já podiam ouvir nos rádios ou assistir pelas telas dos celulares e padarias, as imagens da cinematográfica prisão, da qual nosso anterior agente se sentiu contrariado. Contudo, todos nós, Aqueles que Torcemos Contra e súditos bovinizados, acompanhamos o espetáculo, vidrados. Ao menos nisso tivemos algo em comum.

O Gerente Laranja encontrava-se sem cabelos e muito magro, porém com uma bela pança de cerveja e churrasco, atividades que provavelmente praticava para manter a forma na casa do *Adeogado de Laranjaia* onde foi encontrado – inclusive, muito próxima do sítio atribuído a Moluskowski pelo Super-Pato durante a ascensão do programa do Palhaço Bozo.

O Adeogado de Laranjaia, além de natural, residente ou proprietário nesta referida cidade das alturas, também conhecida por seus cassinos e prés-temporadas de projetos futebolísticos, nunca soube informar como o Gerente foi parar em sua casa. O sujeito em questão, dono do esconderijo do Gerente, integrava parte do setor jurídico do Palhaço Bozo, além de também realizar o mesmo tipo de serviço para o Flavuxinho da Rachadinha e haver ganho alguma notoriedade recente por proferir ameaçadoras anedotas a um jornalista dito soviético.

Mas quem é o Gerente Laranja, esse sujeito a quem o nome não podia ser revelado aos próprios policiais que fariam sua prisão?

Todos já sabemos, mas só a título de nota, elencaremos alguns episódios mais conhecidos do sujeito, que dias depois de guardado se recusava a comer, reclamava de uniformes e mostrava preocupação com sua ‘conja’, que estaria em posse dos cadernos de contabilidade da Fábrica de Água Sanitária do Flavuxinho. Pobre homem. Mais uma vítima imaginária entre os apoiadores do New Brazil.

Sobre a ‘conja’, recomendo que as autoridades responsáveis pelo New Brazil Papers a procurem em algum resort de Guarujá Beach. E caso não a encontrem lá, um antigo governante do velho Rio (agora não precisa do sotaque *green-go*) já avisou: ‘procurem em Maricá’, localidade cujo nome resume a opinião do Palhaço Bozo sobre o New Brazil e os neobrazilians.

Mas isso já é outra história e vai depender de como o New Brazil Papers se desenvolverá daqui pra frente. De toda forma, os verdadeiros roteiristas do New Brazil (não este aqui, que apenas relata), nunca falham! Aguardemos as próximas semanas.

E após alguns *loopings*, voltemos ao Gerente Laranja e suas atividades: basicamente ajuda na contabilidade do programa do Palhaço Bozo desde antes de passar na Rede Goebbels, bem como das atividades econômicas e paramilitares do Flavuxinho da Rachadinha, no que se refere a sua atuação junto da Loucademia de Milícia e a Fábrica de Água Sanitária de sua propriedade.

O Gerente Laranja, velho amigo do Palhaço Bozo e de toda família se destacou na imprensa ainda no início oficial do New Brazil, quando foram descobertas dezenas de depósitos por ele realizados para a jovem e loiríssima Lady Boza. Como a comunicação de depósito não foi em libras, acabou sendo captada pelos ouvidos do Final Boss e virou um dos primeiros casos investigados nos New Brazil Papers como vimos anteriormente.

Na época, a imprensa dita soviética apontou que estes valores poderiam estar relacionados às atividades do supracitado bozinho zero-um. Logo em seguida, o Gerente Laranja desapareceu, pouco antes das investigações do New Brazil Papers serem divulgadas ao público.

Já o falastrão *Adevogado de Laranjaia*, dono da casa fantasiada de escritório, onde o Gerente apareceu por teletransporte, resolveu absorver os holofotes. E após ter aparecido mais que o próprio Bozo diante das câmeras e feito sucesso com suas palhaçadas retóricas, acabou amassado em um cinzeiro pelo Palhaço Bozo, como se fosse um cigarro importado da Friendship Bridge.

“Onde está o Gerente Laranja?” – perguntavam na semana anterior muitas almas que acompanhavam a trajetória do New Brazil. Agora já sabem.

Mas as coisas só melhoram. E no final desta famigerada jornada apareceu justamente a filha do Guru Máximo do New Brazil declarando que fora ela quem denunciara o paradeiro do Gerente Laranja. Como observador, acredito que seja pura cascata, mas é inegável que seria genial se fosse verdade. Viva o New Brazil.

E para finalizar mais esta maldita história, e finalmente seguirmos adiante, transcrevo os conselhos de um desses coachs-gurus da internet ao nosso Gerente Laranja:

“Vejam como o nosso querido Gerente Laranja está abatido. Logo ele, um homem proativo, que veste a camisa da firma, exibindo essa tristeza e preocupação toda. Sabem o que é isso? São as Crenças Limitadoras que existem dentro dele saindo da toca. Por que ele não toma uma injeção de Resiliência e empreende um canal com webinares sobre como passar o tempo na quarentena, assim, de um jeito bastante Truly Human? Seria um Case de sucesso garantido, mas por que ele prefere Be Victimized? Eu respondo: porque ele não acredita mais nesse projeto! E o que temos de fazer com quem não acredita no projeto?”, encerrou fazendo cara feia e deixando a semi-dúvida no ar.

O autoexílio do Diretor Scheisse e os presos políticos a favor do regime

Quem se despedia, ainda na mesma quarta-feira cinza, mas não de cinzas, do programa do Palhaço Bozo foi o Diretor Scheisse. Não sem antes demonstrar mais uma vez todo o seu declarado ódio aos povos negros e indígenas, canetando o fim das cotas nas universidades. E não, não foi o fim das cotas mediante um ótimo trabalho de universalização do acesso às escolas e institutos públicos, longe disso. Foi o puro e simples fim das cotas. Por que? Porque sim. Lembre-se, não tem muita discussão no New Brazil.

A não ser que atinja algum escudeiro do reich tropical, como o rechaço geral aliado a seu protagonismo no New Brazil Papers derrubaram o Diretor Scheisse. Só o total rechaço aliado a um processo judicial podem fazer algumas cócegas. De resto, xiu! Entretanto, muito afeito dele, o nosso Palhaço Bozo armou sua *queda pra cima*.

Ainda naquela quarta-feira gravaram um vídeo no qual o Palhaço Bozo fez o papel de estátua, dessas que têm sido derrubadas ao redor do mundo, enquanto o Diretor Scheisse fazia seu último discurso, com voz de choro e ironizando seu próprio papel de vítima.

“Sim, dessa vez é verdade”, declarou, com a voz embargada antes de pedir um abraço ao Palhaço Bozo, que logo encaminhou às escuras seu voo para a Terra da Liberdade com passaporte diplomático, onde também lhe arumou um emprego em um pequeno bando... digo... em um grande banco.

Mas só descobrimos isso depois que o Diretor Scheisse postou sua selfie do avião, mandando-nos a todos calar a boca. É curioso o RH deste *poderoso bando* da Terra da Liberdade ter aceito a indicação do Palhaço Bozo. De certo não observaram o currículo do indicado, como o observou o rechonchudo palhaço do Domingão do Centrão que representa um torcedor do Botafogo e fez a piada da semana. Este famigerado personagem nos lembrou, em uma inserção ao vivo do seu próprio programa, que já faz uma década desde a última experiência do Diretor Scheisse em um bando como aquele, e que aquela experiência acabou da pior maneira possível: na quebra.

“Eu sou a pedra e o Palhaço Bozo é o rei Davi”, foi uma das melhores piadas do Diretor Scheisse nesses 18 meses de palhaçadas neonazistas ininterruptas em nossas vidas. Certamente ele foi a pedra na vidraça da educação e saúde mental do New Brazil. Dada a distância e sua condição de militante declarado, ele nem precisou se preocupar com o Urso Soviético, mas ainda podemos contratar atores incendiários de Hollywood para lhe darem uma lição.

Acabou que foi um dos três bozinhos, o Eduxinho Embaixador, quem nos lembrou que o Diretor Scheisse não foi o único injustiçado da vez. A estimulante figura intelectual, que quase tornou-se embaixador na Terra da Liberdade, reclamou para a imprensa dita soviética que além de Scheisse, que só não entrou na conta por causa de sua fuga, teríamos mais 4 presos políticos no New Brazil.

Sim, foi exatamente isso que vocês leram. Somos os pioneiros na história da humanidade em produzir *Presos Políticos Favoráveis ao Regime*. Pobre Loira do Banheiro Nazista. Pobre Gerente Laranja. Pobre ‘Danny-boy Ativista’. Pobre Careca da Segunda-Merda. Tão injustiçados!

“Onde está a Liberdade de Expressão?”, perguntou a Inominável Palhaça da Família e Humanos Direitos do alto de sua goiabeira, mas, novamente, não obteve a resposta divina.

E o New Brazil Papers segue seu curso com a aprovação do Final Boss, que vai se fortalecendo para nos encarar a todos um dia. Enquanto isso, o Palhaço Bozo a cada relincho terceiriza ainda mais suas piadas ao vivo.

Nós, o Palhaço e a pandemia

E depois de tudo isso que relatamos por aqui, a semana seguiu no New Brazil dentro da maior normalidade. Robôs mostravam ao mundo como nosso reich é maravilhoso, parecido ao paraíso dos panfletos das Testemunhas de Jeová, que, por sua vez, voltaram a bater em nossas portas. Além disso, na cidade catarinense de Blumen Hauss, onde celebrava-se a abertura de um shopping center com a música do Titanic, os casos do novo cronicavírus dispararam.

Em Saint Paul, Brazilia DC e na Amazonian Community as coisas seguiram como nas últimas semanas: piorando exponencialmente. Mas está tudo normal nesses lugares. Só dá um pouquinho mais de trabalho para os coveiros, não é mesmo? Como não somos coveiros, qual o problema? Os carros novos dos nossos patrões não podiam esperar!

E foi indo até que os dados alarmantes de contaminação fizeram com que diversos palhaços-estaduais, marcados ou não pelo Ursomem Soviético, voltassem atrás na reabertura dos seus respectivos sub-reichs. E após o domingo, onde Aqueles que Torcem Contra novamente tomaram as ruas contra o Programa do Palhaço Bozo e sua audiência bovinizada, a retomada das medidas de restrição recomeçou. E assim seguiu. Conforme se acirra a mobilização, ela vai sendo sabotada pela quarentena, ao passo que quando a quarentena acirra as contradições econômicas e laborais também é sabotada, e assim por diante, gerando um grande círculo do nada que só arrasta nossas existências rumo a morte¹⁵.

Também pudera. No mundial, mesmo há 40 dias com o técnico interino e ainda sem ultrapassarmos a líder Terra da Liberdade do alaranjado imperador Rambozo, vamos nos aproximando como um foguete. Ele nos observa pelo retrovisor cada vez maiores.

E assim fomos levando, já meio de saco cheio, até a quarta-feira seguinte à captura do Gerente Laranja. E neste dia em que este episódio foi escrito, alcançávamos – e apesar da dissimulação do Palhaço Bozo – os 1,3 milhão de casos registrados e nos aproximávamos dos 55 mil mortos. As taxas de crescimento diários de novos casos e novas mortes, essas sim, superam a Terra Liberdade. É uma questão de tempo para assumirmos a liderança. Rambozo que se cuide.

Ou melhor: “É nós, Queiróz”, como diz a gíria.

15 Dados de contaminação do site World Do Meters foram checados em 14/7/2020: worldometers.info/coronavirus

As pragas do New Brazil e o abuso de água sanitária

17 de julho de 2020

O silêncio do Palhaço Bozo nas últimas semanas somado a um literal furacão que nos deixou sem luz e internet por alguns dias e algumas outras obrigações quarentênicas acabaram atrasando a finalização destas linhas. E justamente naquela manhã fria e nublada em que ia retomar as crônicas do New Brazil, acordei com palmas no portão.

Eram elas, as nossas amigas Testemunhas, que algumas vezes citamos aqui por sua insistência em vencer a pandemia a partir das nossas campanhas. O mais curioso é que além de não poderem fazer sexo por diversão, comemorar aniversários ou realizar determinados procedimentos médicos – e é impressionante como se adicionam novas regras às crenças – também não usam máscaras.

Mas isso não vem ao caso. Agora temos um problema maior que são as Testemunhas do New Brazil que também batem às nossas portas, TVs e celulares, pedindo um minuto para falar não em um paraíso onde se conversa com tigres, mas em água sanitária. Também pudera. Com um estoque para um século do produto em cada depósito do New Brazil, ela tem de ser a salvação, a cura, o caminho, a verdade e a luz. E se por acaso não for, é só chamar um cabo e um sargento que se acerta isso ‘daí’.

De toda maneira, há um problema em particular, um pequeno detalhe, quando pensamos na história do New Brazil a partir de analogias bíblicas, como rezam as nossas queridas Testemunhas. O problema seria justamente o de que ainda estaríamos atravessando a era das pragas do Egito, ou seja, faltariam mais ou menos uns 6 ou 7 mil anos até a vinda do Salvador e sua redenção. Com uma outra pequena diferença: existe a dúvida histórica se houve faraós, como o folclórico Aquenáton, que fizeram algo semelhante a uma reforma agrária no antigo Egito. Seja como for e ainda

que sob dúvidas monumentais, a ideia por si só parece mais avançada do que qualquer coisa que nossa civilização nazi-palhaçocrata pode apresentar, agora, sem qualquer dúvida por parte dos historiadores. Pelo contrário, o que anda em curso é uma certa 'Reforma Grilária'.

Mas voltando ao foco, não foi só o programa do Palhaço Bozo que guardou o máximo de silêncio possível nos últimos dias. Seus concorrentes Final Boss, Domingão do Centrão e a turma do Moluskowski também andam quietos. Esperamos que trabalhando no New Brazil Papers, mas quem saberá? Provavelmente não.

Também nós, Aqueles que Torcemos Contra, não andamos dando muito o ar de nossa graça como há um mês. A sabotagem foi grande nesse caso. Bastou a presença de uma importante produtora de Moluskowski nas manifestações para estas últimas não mais acontecerem.

Ao contrário dos Bozólogos, os novos especialistas que andam em alta e que, de certa forma, têm atuado para esfriar os ânimos, de olho na festa que estão prometendo ainda para esse ano. Precisam demonstrar a sensatez necessária para participarem, senão de nada serviriam. E o que fariam, então, os Bozólogos, se o programa do Palhaço Bozo chegasse ao fim? Difícil saber.

Mas a que se deve toda essa normalidade? Retomando a metáfora bíblica, tentaremos explicar praga por praga, e ainda que a santíssima trindade quartel-igreja-celular não seja explicada em detalhes, ela atua em cada uma das pragas e em todos nós. Como o leitor verá, são muito mais de que sete, mas como já sabemos, pouco importam os números no New Brazil.

Gafanhotos, ciclones, incêndios, inundações, óleo e rompimentos de barragens: a geografia do New Brazil

Desde a ascensão oficial do New Brazil, entre um e dois anos atrás, uma série de intempéries, que já se anunciava, dominou e atordoou nosso reich tropical. As concentrações de CO₂ e Nióbio no ar facilitaram os incêndios florestais que reduziram boa parte da antiga floresta amazônica, transformando a metade oriental no Amazon Desert, enquanto a parte ocidental foi para administração da Terra da Liberdade sob o nome de Remaining Forest State – as duas juntas formam a Amazonian Community. A porção sob a tutela do imperador Rambozo continua verde e começa nas ruínas da antiga cidade de Manaus, tornada fantasma com o advento da pandemia de cronicavírus, até a subida da cordilheira a oeste, quilômetros depois de onde o velho Brasil fazia fronteira com Peru e Colômbia.

Nos sertões do nosso reich tropical, centenas de barragens de mineração acabaram rompidas ao longo dos últimos anos, tornando o solo e as águas altamente tóxicos com seus rejeitos despejados – o que gerou a migração em massa para as grandes cidades que, por conta da alta tecnologia, conseguiram safar-se da devastação ambiental. As áreas que, por sorte ou azar, conseguiram se esquivar geograficamente deste destino, não puderam se esquivar do desenvolvimento agroeconômico – como definem os gurus modernos a respeito das práticas de agricultura predatória que acabaram contaminando o que restou de terras férteis pelo abuso de substâncias tóxicas e espécies transgênicas que, em outras bandas, já andavam proibidas. Ou ainda, queimando áreas um pouco mais preservadas para abrir mais pastos.

Mas no New Brazil pode tudo, somos um reich livre! E hoje desfrutamos da enorme liberdade de não nos incomodarmos com o fato de que poucos lugares não sejam tóxicos para a vida humana ao longo do nosso território. Tudo normal.

Onde ainda é possível habitar, apesar dos fortes ventos, inundações, poluição (e excesso de paulistaners de norte a sul) é na costa ‘leste’ – a única costa que de fato temos, apesar do Palhaço Bozo insistir com o papo

de *nossa east coast*. Nos litorais do norte e nordeste do velho Brasil, um evento conhecido como The Great Release transformou um enorme quadrante oceânico em puro óleo, enquanto que ao mesmo tempo em praticamente todas as regiões litorâneas vimos um acentuado avanço do mar.

As Islas Argentinas, onde recentemente passou um furacão, é justamente o que sobrou da antiga Grande Florianópolis. Um arquipélago com 16 ilhotas e um pequeno porto ao pé da serra, já no continente. Por lá, há algumas semanas passou o Bomb-Hurricane, como foi nomeado o ciclone pela mídia dita soviética do New Brazil, deixando bairros inteiros em escombros e uma série de mortos. Além de haver danificado as estruturas de energia, saneamento e telecomunicações da região, o que nesse último caso foi visto como um alívio em meio a tanta desgraça, pois desligou o arquipélago do New Brazil. Demorou uma semana. Infelizmente, após a restauração das outras infraestruturas locais, a reintegração aconteceu com sucesso e voltamos a acompanhar o caos diário.

Enquanto isso, nem um pio do Palhaço Bozo para além de fotos e pidades dentro de um helicóptero que sequer nos lembramos duas semanas depois. Quem deu o ar da graça foram os justamente os mais afortunados fãs do programa de palhaçadas: os necroburgueses de Balnearium Camborium. Eles nos mostraram, com toda a sensatez de quem inventou o conceito de ‘guarda-sol democrático’, o que fazer no local onde passou um ciclone devastador.

Sabem o quê? É claro, dois prédios de alto padrão, idênticos, com 81 andares cada e estoques de água sanitária para 200 anos! É a arquitetura do New Brazil vencendo as barreiras da física, da climatologia, da epidemiologia, da engenharia e do ridículo.

A coisa anda tão feia que até a nuvem de gafanhotos deu marcha à ré. Mostrando a mesma inteligência dos peixes que fogem do óleo, perceberam a toxicidade do interior do New Brazil e, assim, o enxame desviou sua rota, novamente em direção aos vizinhos do sul. Ao que parece, preferiram o frio à estupidez.

Urubus na plantação de ópio

Outra praga do New Brazil acabou por tornar-se o english football, diferente do football da Terra da Liberdade que se joga com uma bola oval. Um dia foi considerado como ‘o ópio do povo’, hoje contenta-se em ser apenas ‘ópio’ – e placebo ainda por cima. Há anos que seus estádios reformados em mármore com ingressos que podem valer salários-mínimos e alto controle tecnopolicial dentro e fora das arenas (leia-se ar-rina, com sotaque green-go) espantam o povo do dia-a-dia do esporte que, antigamente, foi uma grande paixão popular. Por falta de recursos ou de ânimo, nunca de aviso, e Aqueles que Torcem Contra estão aí para não me deixar mentir.

Paralisados há meses por conta da pandemia de cronicavírus, os campeonatos da Confederação Neobrazilian de Football (CnBF) começam a retornar. Os capitais não podem parar seus movimentos de alta intensidade e performance, e o ludopédio começa a ser reaberto, aos poucos, especialmente após o sucesso do jogo-teste em que água sanitária e alho foram distribuídos nos portões do New Maraca. Realmente não podíamos ter deixado passar aquele prélio.

Assim, o primeiro campeonato a ser retomado oficialmente não poderia deixar de ser a Taça New Rio. Diversos jogos aconteceram sem torcidas, apenas com transmissões de pequenas redes goebbelzinhas privadas dos próprios clubes ou de amigos do Palhaço Bozo. Mas pelo menos o *english football neobrazilian* superou a indústria rival, das *global soup operas*, que ainda não retomaram as gravações e mantêm reprises dos seus próprios clássicos.

E nessa toada o Botafogo pegou o vencedor de um triangular entre Macaé, Volta Redonda e Tupy de Outside Referee. Venceu. Mas acabou perdendo depois para o Vasco que recém-entrava na competição. Por sua vez, o Vasco (time para o qual um dos roteiristas do Palhaço Bozo foi inscrito como sócio ainda no segundo capítulo) jogou com o vencedor de Municipal de Paquetá e New America; jogo do qual perdeu, fazendo com que o Fluminense Football Club automaticamente fosse para a final com o já finalista desde o início, Flamengo.

Sei que você provavelmente não entendeu nada deste regulamento esportivo, mas pouco importa, como quase tudo no New Brazil, a Taça New Rio é essa zona mesmo, e desde a época do velho Brasil. O que importa é saber que Fla e Flu decidiram no New Maraca.

E que isso deu uma briga danada – mais fora que dentro de campo. O Palhaço Flamonguín, que dirige a palhaçocracia do clube, havia se reunido com o próprio Bozo em seu programa ao vivo, fazendo diversas palhaçadas sobre a realização desses jogos e suas respectivas transmissões. Curiosamente tudo que foi decidido nos Estúdios Bozo favoreceu justamente o Palhaço Flamonguín e seu clube, já com todo investimento e infraestrutura em dia.

E o esporte voltará da mão do Palhaço Flamonguín, apesar das parcas denúncias de ainda dever em algumas situações mais desimportantes, que envolvem coisas mais sérias, mas que acabam brecadas pelos manuais do bom jornalismo aos quais seguimos por aqui. O que deveria ser relevante e vir ao caso em um mundo real mas, infelizmente, é sempre bom nos lembrarmos de que estamos no New Brazil.

E bem, dirigente colaboracionista não é especialidade da agremiação em questão, é verdade, e dirão os devotos do clube em sua defesa, com razão. Mas que me perdoem, a conversa atualmente é com vocês também, como já foi com outros. Nada pessoal. E o circo continuou, como vocês bem sabem, e as palhaçadas em torno da transmissão desembocaram em mais piadas de mau gosto, brigas pela própria transmissão e uma final interminável.

Nos primeiros jogos, vitória do Flu e uma chuva de memes. Nos seguintes, do Fla e uma chuva de áudios cariocas no zap-zap. Deu Mengaço. Bonita a cena da volta olímpica e taça levantada diante de uma torcida agora completamente virtual. Que triste fim... mas esse sempre foi o sonho neobraziliano para o esporte desde os tempos da Turma do Moluskowski.

Balões de Ar¹⁶

Pouco se comentou, mas uma vez que as vacinas não mais existem, nesse meio tempo foi encontrada uma solução para a pandemia. Como uma tentativa de retirar de circulação o meio de transmissão do novo cronicavírus, os cientistas do New Brazil inventaram uma moderníssima técnica de extrair da atmosfera nada mais, nada que menos, que o próprio ar. E ao passo que a nova descoberta ia sendo aplicada, toda uma indústria de produção de balões de ar ecossustentáveis, à base de créditos de carbono ia ganhando corpo, e nós, simplesmente não podemos mais respirar como outrora.

Os bilhões de balões de ar produzidos pela indústria, obviamente vinculada a todos os personagens desta série, para suprir as necessidades respiratórias da população são diferenciados por níveis de pureza, o que determina seu preço. Como diriam os gurus e coaches modernos, ‘o importante não é fornecer ar, mas ensinar a respirar’.

E assim todos passaram a trabalhar para poder comprar um ou dois balões de ar cada semana. Os acessórios customizados para enfeitar os benditos trambolhos que agora temos de levar presos ao corpo geraram uma verdadeira subindústria que cresce, apesar de alguns lotes frequentemente serem comercializados com defeitos que impedem a transmissão do conteúdo. As trocas, via SAC, por telefone ou apps de mensagem, duram horas em linha, e muitas vezes os pulmões do lesado falham antes de terminados os procedimentos padrão e protocolares das empresas. Mas apesar de tudo, há quem ache uma ótima ideia. Quem crítica são, novamente, Aqueles que Torcem Contra.

Nas últimas semanas, uma nova regularização dos direitos de atmosfera, como rezam os técnicos, foi pautada pelo Frankenstein de Wall Street em suas inserções ao vivo no programa do Palhaço Bozo. Infelizmente, a nula atenção a esta questão por parte da mídia dita soviética foi a mesma de quando semelhante indústria se formou em torno da água e da terra.

16 Referência musical. Señores (Goiânia) – Balões de Ar (2011). Disponível em: señores.com.br

As consequências são de conhecimento público. E além das toneladas de rolos de papel higiênico, precisaremos nos abastecer constantemente de balões de ar. Eis o ‘novo normal’, como insistem os bozólogos.

Bozólogos e o breque das ruas

E como se não bastasse, e toda desgraça fosse pouca, o que parecia uma reviravolta nas ruas do New Brazil logo acabou contida, entre outros fatores pelo trabalho de apaziguamento dos Bozólogos, a nova classe de ilustrados especialistas ditos opositores do Palhaço Bozo, ditos-soviéticos ou não. Eles estão em todos os lugares sabotando as manifestações populares Daqueles que Torcem Contra. Sempre apelando a uma moral imaginária, por vezes torturam o conceito de ‘genocídio’, afirmando que se reunir nas ruas seria o caso de um – jamais apontando o Palhaço Bozo como autor contemporâneo da obra. Ou ainda, acusariam Aqueles que Torcem Contra de precipitar um suposto golpe autoritário que, para a maioria, já é diário faz tempo.

Argumentos que ignoram a fúria necroburguesa que obriga os descontentes a trabalharem sob riscos de contágio, entre muitos outros. São tão canalhas estes bozólogos que em seus tristes pensamentos o cronicavírus descansaria de segunda a sábado, na hora do batente, para percorrer insaciável pelas ruas aos domingos em busca de hospedeiros.

Há também aqueles que pregam a nossa união. A linda, fraterna e libertadora união entre todos nós contra ‘todo esse mal que nos ameaça’, como se ‘do bem’, fôssemos. Os maniqueístas mais radicais pregam a união por siglas, números e personalidades já em vias de falência e cujas contradições são de conhecimento público. Esses, coitados, apesar dos apelos nas redes, já aceitaram o destino de oposição tolerada do New Brazil e se colocaram a serviço de outra classe de bozólogos, a de cunho mais liberal-conservador, como se auto-intitulam, que deve herdar o que restar do reich tropical mais cedo ou mais tarde.

Acontece que esses novos especialistas fazem uma falsa contraposição ao Palhaço Bozo e acabam por confundir muita gente. Se opõem ao reich tropical em sua dimensão mais simbólica e picaresca, mas não podem se opor, jamais, ao que caracteriza os alicerces do New Brazil que, de certa maneira, os sustenta. Algo que para desespero geral é justamente o ódio e a exploração de classe. Os bozólogos tentam esconder.

Isso foi comprovado, por exemplo, com as opiniões e o pouco espaço dedicado em seus meios de comunicação ao dia que os necroburgueses passaram fome, ou seja, quando os entregadores de aplicativos, motocas ou ciclistas, resolveram parar de trabalhar. Sim, eles pararam um dia de trabalhar, e muita gente não sabia mais o que fazer para se alimentar ao redor dos bairros mais abastados (ou abastados? Maldito corretor automático!) do New Brazil.

E eles podiam ter parado por vários motivos. Pagamentos pornográficos cada vez mais reduzidos, falta de apoio médico, nenhuma espécie de seguro ou garantia dado o risco da atividade em si somado à pandemia, falta completa de diálogo com as empresas administradoras de tecnologia que regulam a atividade por si mesmas, ou ainda contra o sistema de avaliação que em nada os favorece. Mas nada disso importa. Afinal de contas, eles são empreendedores e, como bons empreendedores, podem parar e retornar ao trabalho quando bem entenderem, não é mesmo? Morra quem morrer, oras bolas! Ou melhor: ‘você não pode entregar a comida, tem que ensinar a produzir, cozinhar e transportar. De repente precisa até ensiná-los a comer,’ afirmou um famoso coach dos empreendedores amotinados.

E sem ver ninguém plantado à porta de sua casa neste fatídico dia, esperando pacientemente a que ele encontrasse o cartão de crédito, o pobre fariálimer não encontrou comida e, assim, ingressou na lista das vítimas imaginárias do New Brazil.

E na esteira dos acontecimentos, os maldosos empreendedores em duas rodas prometem mais paralisações mortíferas para a próxima semana. Simplesmente porque querem, e podem. Ou será por outras razões? Nunca saberemos. A imprensa dita soviética oficial do New Brazil não nos conta. Será o fim de muitos fariálimers, tecburgs e necroburgueses? Como nos disse um famoso jornalista gaúcho: só o tempo dirá.

Bozo contaminado¹⁷

Enquanto isso vimos o Palhaço Bozo no caminho de triplicar sua meta em silêncio no momento em que vamos ultrapassando os 75 mil mortos. Quase uma grande arena de english football lotada, na época em que recebiam gente, é claro. 2 milhões são os contaminados, e cerca de 50 mil os novos casos registrados diariamente. Seguimos atrás da Terra da Liberdade na tabela, mas em mais um par de meses os alcançaremos. E tudo isso com o Coronel Interino no comando da seleção. Nem precisa efetivar um novo treinador.

Salve a seleção!

E assim, sem mais, as coisas vão acontecendo, ou não, em nosso reich tropical. Bozo abandonou as inserções ao vivo, os rolês aleatórios no estacionamento do Planalto, as lives na internet e outras formas de palhaçadas ao vivo de seu programa para se dedicar aos bastidores.

A desculpa é de uma suposta contaminação por cronicavírus, cuja realidade é impossível de ser verificada. Tudo pode ter acontecido ali. Fato é que as conversas sobre água sanitária ganharam corpo, e aquela bola que levantamos aqui, sobre a Fábrica de Água Sanitária do Flavuxinho da Rachadinha começa a tomar alguma forma.

E em um raro momento em que a imprensa dita soviética realmente prestou um serviço aos genuínos sovietes, no último sábado vimos uma matéria no The Goebbel, um tradicional jornal impresso que sobreviveu à modernidade ainda que de nome trocado para agradar o regime de ocasião, como costuma fazer. O repórter revelou os quatro principais financiadores das novas fábricas de água sanitária. Uma tem um suplente de palhaço do Domingão do Centrão como sócio; outra tem um ex-integrante dos 299 do New Brazil (grupo que já conhecemos bem, como se reinventa!); uma terceira tem um bilionário amigo do Frankenstein de Wall Street; e a última tem como sócio, pasmem, o alaranjado Imperador Rambozo, *The Original*, em pessoa!

17 Dados de contaminação do site World Do Meters são de 14/07/2020: worldometers.info/coronavirus.

Mas o roteirista não descansa. A conja do Gerente Laranja foi encontrada e agora, além das alianças, o casal compartilha duas românticas tornozeleiras em prisão domiciliar. O que ainda não sabemos é se foi achada no domicílio do Flaxuvinho da Rachadinha, do Adevogado de Laranjaia ou do próprio Palhaço Bozo. Nem quais novidades o alaranjado casal pode vir a contar que já não sabemos. Alguns ficaram surpresos, “nossa! Bozo é Bozo!”. Mas acalmem-se, é isso mesmo.

O New Brazil Papers também vai avançando e chegando a personalidades que podem ter vínculos diretos com dois dos três bozinhos, além do próprio palhaço-mor. Figuras importantes da nazi-palhaçocracia internacional, da Loucademia de Milícia e da Fábrica do Carluxinho Feiquenils também vão entrando no radar. Nós, que torcemos contra, podemos a qualquer momento voltar às ruas.

Aguardemos o final da história com nossos rolos de papel higiênico e balões de ar.

Cem anos de sociopatia

De agosto de 2020 até o fim dos tempos

Tinha passado algum tempo. Semanas, meses talvez. E entramos em um período de pasmaceira generalizada, com os idiotas do New Brazil completamente descontrolados.

Esse período, quase eterno, foi chamado por todo tipo de especialista, dos bozólogos aos terraplanistas, de ‘novo normal’. Mas era uma pasmaceira estranha, do tipo que as coisas não estavam necessariamente pasmando, parecia mais um vai e vem de coisas aparentemente caóticas e sem sentido que buscavam um certo equilíbrio entre si. Como se fosse um vírus, que atacado pela medicação, tenta buscar alternativas para se reproduzir no hospedeiro.

Será esse o efeito colateral do novo cronicavírus na política e na vida das pessoas, não mais apenas restrito aos seus corpos?

Hora as coisas pareciam ir para o um lado, e, de repente, iam para o outro. Como se uma grande energia universal movesse isso. Seria Nosso Senhor? Seria o nosso fuhrer abestalhado? Ou apenas o nosso estado ensandecido permanente?

Nunca saberemos, não tivemos tempo suficiente para investigar. O que podemos afirmar é que a incerteza e a inconstância foram as características desse período final da história, pra Fukuyama nenhum botar defeito. As reviravoltas e desviravoltas instantâneas pareciam propositais.

Por exemplo, uma hora o Gerente Laranja aparecia, na outra desaparecia e todos se esqueciam dele. Ou quando a Rede Goebbels ameaçava soltar novos episódios dos escândalos de alguns dos três bozinhos e depois não se falava mais nisso. Ou quando um certo clube de futebol fez pressão pra voltar o campeonato e em poucas rodadas já tinha perdido quase todos os jogadores para o vírus.

É claro que não há mais festa, nem carnaval, mas ninguém foi enganado. A sociopatia foi prometida e entregue. Sobrou até para uma criança vítima de abusos de um parente, uma história horrorosa que não deveria ficar sendo lembrada em solidariedade à própria vítima. Mas que é impossível esquecer da turba ameaçando seus familiares, médicos, dizendo impropérios sobre a garota. É inominável! Como a Inominável Palhaça da Família e Humanos Direitos que deu a ordem do alto do seu pé de goiabeira, junto do seu Jesus particular que, de certo, apedrejaria Madalena.

Perdido de vez o mundial de cronicavírus para a Terra da Liberdade do alaranjado imperador Rambozo, foi colocada uma focinheira nos três bozinhos e em alguns liberais virgens que comentam as notícias na TV para, finalmente, conseguirmos negociar com a China das vacinas, por mais comunista que isso fosse. Mas como nada seria tão simples no New Brazil, além das hordas de negacionistas, com as quais infelizmente a seleção natural deverá cuidar, a vacina tampouco viria como fruto de ajuda humanitária. Afinal de contas, não existe vacina grátis, oras!

Primeiro testaram nos moradores de rua, mas como eu pago meu aluguel superfaturado, não dei a mínima. Depois, nas putas. Mas como só me prostituo com carteira assinada, pouco me importei. Depois vieram testar os jovens, e como nasci no século passado nem se importaram comigo. Muito antes de chegar a minha vez, descobriram a fórmula exata, mas a transnacional que detinha a patente não queria liberar. Foi uma briga danada, mas no final conseguiram produzir e distribuir, não sem as previsíveis ‘perdas naturais’ pelo caminho que, sim, poderiam ser evitadas – portanto “não”, não são naturais.

Resumindo: não seria um vírus que nos destruiria. Nós mesmos é que faríamos isso. E levaríamos quem quer fosse à nossa própria autodestruição.

Mas enquanto não terminávamos o processo de nos transformar em nada, a dinâmica era a seguinte: quando as taxas de contaminação começavam a cair, abria-se tudo, fingia-se que estava tudo bem e ignorava-se o novo cronicavírus. Isso, por sua vez, fazia as taxas de contaminação aumentarem, o que trazia de volta as restrições e fechamentos, o uso de máscaras obrigatórios, entre outras medidas. E novamente as taxas de contaminação

caíam e, assim, tudo se abria novamente, e voltávamos ao *looping*. Outra, outra e outra vez. 100 mil, 120, 140, 160, 200 mil ao final do ano... já ninguém se importava. Era como se a cada retorno ao ponto sem retorno apagassem memórias. Mas jamais se restabelecia a vida perdida.

Merda! Merda! Merda! De novo aqui!

E no caos palhaciano, o Palhaço Bozo também apresentou suas várias idas e vindas no período. Primeiro em relação a Lady Boza. Chateada ao ser vinculada com as traquinagens do palhacíssimo marido, ela não o olhava mais no rosto durante as inserções do vivo do Programa e em algumas ocasiões ensaiou provocações sutis. Do mesmo jeito que acabou o amor, também acabou a conversa. Ela nunca mais falou com ninguém, nem com sua avó. Por conta disso, nunca saberemos a resposta para a pergunta que tanto irrita nosso Palhaço: por que tantos depósitos?

E sentindo o cerco fechar novamente, Bozo utilizou das suas prerrogativas, ainda que não consiga pronunciar essa palavra sem travar a língua, e aparelhou todas as nossas respeitadíssimas instituições policiais e de vigilância. E tudo virou um pesadelo. Além das TVs e celulares, o Palhaço Bozo começou a entrar em nossas casas. Especialmente se você tivesse determinada cor de pele ou morasse em bairros desafortunados e/ou tivesse o azar de aparecer em alguma lista de gente que torce contra.

Mesmo com a solução final aplicada àqueles que torcem contra, havia questionamentos por dentro do sistema, vindos de toda parte, de amigos e inimigos, de fãs e da oposição tolerada. E que quando começavam a atormentar a segurança de seu programa, o Palhaço Bozo movia seus pauzinhos.

Se os mais pobres reclamavam demais, liberava um dinheiro – que na verdade deveria estar liberado sempre. Se os mais nazistoides reclamavam demais, saía das redes sociais e das brigas imaginárias com comunistas mortos para fazer algumas inserções ao vivo do Programa com novas velhas piadas. Divertia a todos. A audiência bovinizada ia a loucura, os bozólogos ganhavam *laikes* (a nova moeda digital do New Brazil) com suas críticas virtuais e ninguém saía às ruas, a não ser a turma que gosta de desfilar com bandeiras neonazistas ucranianas.

Certo tá o gordo selva, que além de nunca ter corrido o risco de contrair uma DST, ainda gravou um vídeo em que aparecia caminhando dentro de um Shopping Mall, com uma máscara de crochê, murmurando todo tipo de pedido de atenção inaudível. Só quando entrou dentro do seu veículo e tirou aquela coisa ridícula da cara pudemos ouvi-lo esbravejar sobre sua vontade de se libertar da máscara que a mamãe o mandou usar e de como tinha raiva de quem usava a própria máscara.

Mas ele não foi o único. A Loira do Banheiro Nazista, como se fosse uma palhaça-estadual do New Rio, entrava e saía das maravilhosas prisões, agora privadas, do nosso reich tropical. Nesse meio tempo, nossa lenda urbana importada favorita também aprontou das suas, atraindo a atenção do Final Boss sempre que havia algum holofote.

E como pudemos notar, a única coisa que não teve idas e vindas em todo esse tempo foi justamente ela, a sociopatia nossa de cada dia, nos dai hoje. Venham a nós e ao nosso reich e livrai-nos dos Antifas, *talquei?*

10 mil mortos, 30 mil mortos, 200 mil mortos, todos mortos. Tudo normal. E assim caminhamos por um século inteiro, até que tudo o que conhecemos fosse reduzido a ruínas de algo muito antigo que já não era nada. A velha profecia punk se fez realidade e, finalmente, não somos mais do que restos de nada.

Mas veja pelo lado positivo: nos libertamos da necessidade de estocar papel higiênico.

Epílogo: Todos mortos

E cá estamos nós, todos nós. Eu, você e os outros. Finalmente juntos e misturados. Os vermes há muito comeram o que sobrou dos nossos cérebros e já estamos quase nos transformando, finalmente, em petróleo. Quem sabe a próxima civilização, provavelmente de homenzinhos a prova de radiação, nos encontre e utilize o que sobrou das nossas existências para produzir o combustível que, nas mãos deles, talvez termine o nosso trabalho. Ao menos servimos pra alguma coisa.

E passado mais algum tempo, parece que um arqueólogo dessa nova espécie de homenzinhos, à prova de radiação, finalmente encontrou um fragmento humano consideravelmente intacto. A notícia correu o sistema solar.

Era um pedaço de braço humano congelado dentro de algum buraco que estavam escavando. Parecia um templo com corredores e pés-direitos enormes, algo parecido com mármore revestia tudo e trazia sinais de adoração. Seria um antigo templo? Que deuses seriam aqueles? Não havia sobrado muita coisa.

Resolveram então descongelar o tal fragmento humano para estudos. Era um pedaço de braço, um fóssil muito bem preservado. Nele estava escrito a palavra “resiliência”.

ACABou! Chega! Ninguém aguenta mais!